



Departamento de Sociologia

O ensino a distância no combate à exclusão territorial: o caso do
EMITEC

Irabel Lago de Oliveira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação e Sociedade

Orientador

Doutor Pedro António da Silva Abrantes, Professor Convidado,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2016



Departamento de Sociologia

O ensino a distância no combate à exclusão territorial: o caso do
EMITEC

Irabel Lago de Oliveira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação e Sociedade

Orientador

Doutor Pedro António da Silva Abrantes, Professor Convidado,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2016

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Pedro Abrantes, pela paciência, presença, cuidado e sempre se disponibilizando para além da distância geográfica, buscando cooperar e enriquecer este trabalho que faz parte de mais uma imensa vitória na minha vida.

Aos meus professores e professoras, em especial, à professora Teresa Seabra que, a cada dificuldade e obstáculo surgido, e foram muitos e intensos, me acolhia aberta e firme a resolvê-los, tornando assim possível a finalização deste curso.

Ao Departamento de Sociologia pelo bom atendimento, em especial a Maria Luís, sempre pronta a orientar e sanar tantas dúvidas.

À professora Letícia Machado, diretora do EMITEC, pelo acolhimento e consentimento para a realização da pesquisa sobre o projeto.

À memória de minha mãe, minha maior e eterna amiga.

E a todos aqueles que, direta ou indiretamente, ajudaram-me na finalização deste trabalho.

RESUMO

A Educação a Distância exige uma nova postura educacional de todos os envolvidos, procurando transformar, alterar e renovar as relações entre os atores comprometidos no processo de ensino-aprendizagem. Diante desse contexto, buscou-se analisar e refletir sobre o projeto educacional que oferece o Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (EMITEC). Trata-se de um estudo de caso que buscou discutir a inclusão de pessoas excluídas numa sociedade cada vez mais concorrente e desigual. A pesquisa teve como objetivo geral analisar como tem sido a experiência do ensino médio a distância e como esta experiência tem ressignificado a vida dos estudantes do projeto, além de objetivos específicos como perceber a relação dos estudantes com essa modalidade de ensino (dificuldades, facilidades, afinidades etc.), identificar alguns motivos de evasão do curso e descobrir a continuidade dos estudos de alguns ex-alunos por meio do ensino superior ou técnico. Ao finalizar o presente estudo, percebeu-se uma determinada dificuldade por parte dos estudantes em aceitar a “ausência” física do professor em sala de aula, a sua consciência da necessidade de concluir o ensino médio para crescer profissionalmente e melhorar de vida e a importância da EaD para levar a oportunidade de estudos às pessoas que moram demasiadamente longe e que, de outra forma, não conseguiriam estudar.

Palavras-chave: Educação a Distância; Tecnologia; Ensino Médio; Políticas Públicas.

ABSTRACT

Distance education requires a new educational approach of everyone involved, aiming to transform, change and renew all relations between the actors engaged in the teaching-learning process. In this context, my project aims to analyze and reflect on the educational project that offers high school with Technology Intermediation (EMITEC). This is a case study that sought to discuss the inclusion of people excluded from an increasingly competing and unequal society. The research aimed to analyze how has been the high school experience away and how this experience has reframed the lives of students in the project, and specific goals such as to understand the relationship of students with this type of education (difficulties, facilities, affinities, etc.), to identify some of the course drop-out motives and discover the continuity of studies of some former students through higher or technical education. At the end of this study, it was noticed a certain difficulty for the students to accept the absence of teachers in the classroom, their awareness of the need to finish high school to grow professionally and improve their lives and the importance of DL to take the opportunity to study for those who live too far and that, otherwise, could not study.

Keywords: Distance Education; Technology; High School; Public Politics.

ÍNDICE

	ÍNDICE DE FIGURAS	vii
	GLOSSÁRIO DE SIGLAS	viii
	INTRODUÇÃO	1
1	METODOLOGIA DO ESTUDO	3
2	GLOBALIZAÇÃO, AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) E AS SUAS INFLUÊNCIAS NA EDUCAÇÃO E O PERFIL DOS ESTUDANTES DE EaD	7
2.1	A Globalização e as suas desigualdades	7
2.2	As TIC e a Educação	9
2.3	O Perfil dos Estudantes de Educação a Distância	11
3	OS JOVENS, A ESCOLA E O ENSINO MÉDIO NO BRASIL	15
3.1	Os Jovens e a Escola	15
3.2	O Ensino Médio no Brasil	17
4	BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL E AS SUAS POLÍTICAS PÚBLICAS	23
4.1	A Educação a Distância no Brasil	23
4.2	Políticas Públicas em Educação a Distância no Brasil	25
5	ANÁLISE DE DADOS	27
5.1	O Programa EMITEC	27
5.2	Análise de Dados dos Estudantes Formados	31
5.3	Análise de Dados dos Atuais Estudantes	33
5.3.1	Perfil Socioeconômico dos Estudantes	33
5.3.2	Referência Educacionais dos Estudantes	36
5.3.3	Condição dos Estudantes quanto aos Acesso às Tecnologias	40
	CONCLUSÃO	45
	BIBLIOGRAFIA	49
	LEGISLAÇÃO	53
	ANEXO A – Figura 1 - Problemas do Ensino Médio (2013-2014)	I
	ANEXO B – Quadro 1 – IDEB – Resultados e Metas do Ensino Médio	III
	ANEXO C – Quadro 2 – Capacidade de Alunos para	

Solucionarem Problemas Complexos	V
ANEXO D – Quadro 3 - Ranking dos Países no PISA 2012	VII
ANEXO E – Quadro 4 - Taxa de repetência em países nas edições do PISA de 2009 e 2012	IX
ANEXO F – Figura 2 – Gerações da História da EaD	XI
ANEXO G – Figura 3 – Taxa de Distorção Idade-Série- Ensino Médio	XIII
ANEXO H – Quadro 5 - Taxas de Rendimento por Etapa Escolar (2014)	XV
ANEXO I – Figura 4 – Panorama do Ensino Médio	XVII
ANEXO J – Figura 5 – Taxa de Analfabetismo (%) – 15 anos ou mais de idade	XIX
ANEXO K – Figura 6 – Resultado do Censo da Educação Superior 2013	XXI
ANEXO L – Questionário	XXIII

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 5.1 -	Perfil socioeconômico dos estudantes	33
Figura 5.2 -	Renda Familiar	34
Figura 5.3 -	Escolaridade da Família (avós/pais)	34
Figura 5.4 -	Escolaridade da Família – Tios (as) e primos (as) paternos/ maternos	35
Figura 5.5 -	Principal Fonte de Informações utilizada	35
Figura 5.6 -	Motivos pelos quais optou cursar o ensino médio pelo EMITEC	36
Figura 5.7 -	Expectativas em relação à Educação após concluir o ensino médio pelo EMITEC	37
Figura 5.8 -	Expectativas em relação ao ensino oferecido pelo EMITEC	38
Figura 5.9 -	Planeja dar continuidade aos estudos após conclusão do ensino médio	40
Figura 5.10 -	Possui computador em casa	41
Figura 5.11 -	Possui acesso à internet em casa	41
Figura 5.12 -	Conhecimento sobre informática/uso do computador	42
Figura 5.13 -	Dificuldade em se adaptar ao método de ensino utilizado pelo EMITEC	42

GLOSSÁRIO DE SIGLAS

ABED	Associação Brasileira de Educação a Distância
ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
BTS	Banco de Tecnologias Sociais
DCNE	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação
DCNEM	Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
EaD	Educação a Distância
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EMITEC	Ensino Médio com Intermediação Tecnológica
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
IAT	Instituto Anísio Teixeira
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ONU	Organização das Nações Unidas
PCNEM	Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
PISA	Programme for International Student Assessment / Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
PNE	Plano Nacional de Educação
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
PROUNI	Programa Universidade para Todos
REUNI	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SAEB	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica
SEB	Secretaria de Educação Básica
SEED	Secretaria de Educação a Distância
SESU	Secretaria de Ensino Superior
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura

INTRODUÇÃO

Frente às imensas mudanças do mundo moderno, do surgimento de novos polos de trabalho e da invasão das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), necessita-se também mudar a forma de ensinar e aprender. A educação do século XXI requer novos saberes e outros olhares visando uma educação mais justa ou menos desigual. Nessa perspectiva este estudo monográfico centra-se na análise de como tem sido a experiência do ensino médio a distância e como esta experiência tem ressignificado a vida dos estudantes do projeto do Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (EMITEC).

Diante desse contexto, parece de suma importância refletir sobre o projeto educacional que oferece o Ensino Médio com Intermediação Tecnológica. O EMITEC é um programa estruturante da Secretaria da Educação do Estado da Bahia, Brasil que faz uso de uma rede de serviços de comunicação multimídia que integra dados, voz e imagem, se constituindo em uma alternativa pedagógica para atender a jovens e adultos que, prioritariamente, moram em localidades distantes (ou de difícil acesso) em relação a centros de ensino-aprendizagem, onde não há oferta do Ensino Médio, além de atender a localidades que tenham deficiência de profissionais com formação específica em determinadas áreas de ensino.

Trata-se de um estudo de caso que busca discutir a inclusão de pessoas excluídas numa sociedade cada vez mais concorrente e desigual, pois não apenas a educação escolar é um elemento fundamental para a descoberta do potencial humano, mas a educação em sentido amplo, em consonância com as demandas da atualidade. Como objetivos específicos visamos perceber a relação dos estudantes com essa modalidade de ensino (dificuldades, facilidades, afinidades etc.), identificar alguns motivos de evasão do curso e analisar se alguns ex-alunos continuaram os estudos com o ensino superior ou técnico.

Como referencial teórico, este estudo se vale das reflexões de autores como Antonio Firmino da Costa (2012), que expõe sobre a desigualdade no mundo globalizado; Teresa Seabra (2009) e Émile Durkheim (2011), que analisam a meritocracia do sistema educativo; Juarez Dayrell (2009b), Pedro Abrantes (2003) e Nora Krawczyk (2011), que explanam sobre a identidade e a diversidade juvenil frente à escola. A pesquisa faz referência ainda a autores como Maria Belloni (2012), Vani Kenski (2010), Eduardo Chaves (1999), José Moran (2002) e Otto Peters (2009), que analisam o papel das tecnologias, a trajetória e os desafios no contexto educacional da Educação a Distância (EaD).

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos. Inicialmente apresenta-se de forma sucinta o escopo do trabalho, contendo nesta introdução o objeto de estudo, seus objetivos e a sua estrutura. No capítulo 1, apresenta-se a metodologia do estudo. No capítulo seguinte, discursa-se sobre a globalização, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), a influência de ambas na educação do século XXI e o perfil dos estudantes de EaD, em alguns momentos realizando um paralelo entre os estudantes do ensino presencial e do ensino a distância. Considera-se para essa discussão a globalização como forte característica do mundo atual, quebrando distâncias físicas ao aproximar pessoas de diversificadas culturas e ideias, fomentando transformações na economia, sociedade, política e educação. Nesse capítulo, são analisadas as tecnológicas da modernidade até o uso das TIC na sociedade e os desafios e importância da sua inserção na educação moderna.

No capítulo 3 abordam-se os jovens, a educação e o ensino médio no Brasil, buscando realizar uma breve comparação entre as experiências do ensino a distância (EaD) e a experiência educativa em si mesma. No quarto momento, apresenta-se um breve histórico da EaD no Brasil e suas políticas públicas. No capítulo 5, mergulha-se no campo de estudo e no seu contexto macro e micro. Nesse momento, transita-se entre as caracterizações específicas do projeto analisado e explana-se sobre os dados recolhidos por meio dos questionários aplicados.

Por fim, na conclusão, realizam-se algumas considerações finais acerca do uso das tecnologias para a formação de estudantes do ensino médio em regiões remotas e o uso das TIC para ampliação de oportunidades na educação em um país geograficamente imenso como o Brasil.

1 METODOLOGIA DO ESTUDO

Na visão de Michael Dalfovo, Rogério Lana e Amélia Silveira (2008: 03), “(...) método em pesquisa significa a escolha de procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação de fenômenos”. Partindo deste pressuposto, qualquer trabalho de pesquisa precisa ser projetado e desenvolvido de acordo as características e regras que definem o método escolhido.

Adaptado da tradição médica, o *estudo de caso* tornou-se uma das principais modalidades de pesquisa qualitativa em ciências sociais. Segundo Mirian Goldenberg (2007: 28-29), pode-se assim definir esta modalidade:

O estudo de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um todo, seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-lo em seus próprios termos (...) Através de um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado, o estudo de caso possibilita a penetração na realidade social, não conseguida pela análise estatística.

A autora lembra ainda que não é possível formular regras exatas sobre as técnicas a serem utilizadas em um estudo de caso, já que cada entrevista ou observação é única, dependendo assim do tema, do pesquisador e dos seus pesquisados.

É fundamental salientar que, na verdade, a literatura mostra que um método pode complementar o outro, ou seja, a associação de metodologias diversas no estudo do mesmo fenômeno amplia a descrição, explicação e compreensão do objeto estudado. Essa integração possibilita usar a entrevista, aplicar questionários, utilizar fontes documentais e dados estatísticos; não há um único caminho ou técnica de coletar dados para todas as pesquisas. Os próprios pesquisadores estão chegando à conclusão que o bom pesquisador deve usar todos os recursos disponíveis que o auxiliem na compreensão do problema estudado (Goldenberg, 2007).

Portanto, é possível afirmar que a presente pesquisa é um estudo de caso ao realizar visitas a toda estrutura física e funcionamento do projeto para compreender um caso específico. Quanto aos procedimentos metodológicos, considerando o objeto deste estudo, que consiste na análise de como a oportunidade de estudar pela modalidade EaD ressignificou a vida desse estudante e como foi essa experiência, optou-se por uma análise que considera os aspectos quantitativos por meio de aplicação de questionários. Dessa forma, por meio de uma metodologia de estudo quantitativo, procura-se descrever a experiência em EaD para o ensino

médio de um projeto educacional da escola pública do Estado da Bahia, Brasil, avaliando seus resultados e valor para a sociedade e seus próprios estudantes.

Ao tomar conhecimento do projeto pesquisado, de imediato, surgiu o pensamento de como esse projeto estaria modificando a história de vida de um povo morador de regiões tão distantes do Estado da Bahia, principalmente da chamada zona rural. O que representava estudar pela modalidade EaD? Cursar o ensino médio pela modalidade EaD seria difícil para pessoas com tão pouco ou quase nenhum conhecimento de tecnologia? Concluir o ensino médio pelo projeto ofereceria a chance de continuar os seus estudos? Quais os seus objetivos de concluir o ensino médio? Se não fosse a existência do projeto, haveria outra forma de concluir o ensino médio? E quantos estudantes concluíram o ensino médio pelo projeto e continuaram os seus estudos no nível técnico ou superior? De que forma o projeto contribui para diminuir a diferença social por meio da educação?

Tais reflexões surgiram considerando que a Bahia é o quarto estado mais populoso do Brasil, com 15.203.934 habitantes, o que representa 7,5% da população brasileira, e possui o maior território de semiárido do país. A Bahia ocupa 6,64% do território nacional, sendo o quinto estado do país em extensão territorial; da sua área de 564.733,81 km², cerca de 70% encontra-se na região do semiárido (Wikipédia, 2016a).

Partindo das reflexões supracitadas, culmina-se então na formulação da pergunta de partida para iniciar a pesquisa. Logo após, foram realizadas três visitas à base do projeto para conhecer toda a sua estrutura física e funcionamento, localizado na capital, Salvador. Durante as visitas, foi possível assistir, em tempo real, às aulas ministradas nas duas telessalas, conversar com alguns professores/mediadores e aprofundar, de forma geral, quase tudo sobre o projeto com a sua Diretora responsável. Uma última visita foi agendada após finalizar a escrita do trabalho.

Em seguida, foi criada a estrutura do trabalho, realizadas diversas leituras sobre a EaD baseadas nessa estrutura, inclusive os livros lançados pelos professores participantes com base no projeto, iniciando assim a parte escrita da pesquisa, além da aplicação de 49 questionários estruturados (ANEXO L) aos estudantes desta modalidade de ensino em dois municípios do Estado da Bahia, Brasil.

Durante a construção dos questionários houve muita preocupação com a objetividade e a clareza das perguntas para que não houvesse dúvidas por parte dos respondentes diante da impossibilidade de saná-las em razão da ausência da pesquisadora. Assim, optou-se por perguntas objetivas em sua maioria, existindo em algumas a opção de justificar a resposta. Na

primeira versão do questionário existiam muitas perguntas abertas, o que poderia levar a uma subjetividade nas respostas ou até mesmo deixá-las sem responder (o questionário é apresentado em anexo).

Inicialmente pretendia-se aplicar os questionários pessoalmente e entrevistar alguns estudantes, visitar as duas cidades e assim conhecer tanto o espaço físico e estrutural da telessala, como os estudantes e os profissionais envolvidos no projeto. Contudo, após alguns contatos telefônicos com os professores mediadores do projeto nessas cidades, percebeu-se a dificuldade de locomoção e permanência por alguns dias no local, devido à distância geográfica das cidades e ainda haver o deslocamento para proximidades da zona rural.

Dessa forma, os questionários foram entregues à diretora do projeto em sua Secretaria na capital do Estado da Bahia, que, após verificar as cidades mais próximas e com maior possibilidade de aplicabilidade, os enviou via correio para as respectivas cidades. Assim, os questionários foram recebidos e aplicados aos estudantes pelo tutor/intermediador de cada centro de estudo. Os estudantes foram orientados a não se identificar e se sentirem à vontade para fazer parte ou não da pesquisa. Também pelo correio foram devolvidos os questionários para a central do projeto em Salvador.

Foram aplicados 25 questionários para o 1º ano do ensino médio, com variação de sexo e idade, sendo 13 na cidade de Boa Nova, na localidade de Penachinho, e 12 na cidade de Iará; 24 questionários no 3º ano do ensino médio, sendo 12 na cidade de Boa Nova, na localidade de Penachinho, e 12 na cidade de Iará. Também foram aplicados 10 questionários a alunos que concluíram o ensino médio através do EMITEC, sendo 5 questionários em cada uma das cidades citadas.

Os questionários foram aplicados no segundo semestre de 2015, no distrito de Penachinho, situado na cidade de Boa Nova, e na cidade de Iará, ambas situadas no Estado da Bahia, Brasil. Boa Nova é um município localizado na região centro-sul da Bahia e fica a 480 km da capital, Salvador; possui uma população de 15.409 habitantes, espalhados por uma área de 856 km², onde predominam a agricultura e a pecuária (Wikipédia, 2016b). Penachinho é um distrito situado a cerca de 32 km do município de Boa Nova. Iará é um município da Área de Expansão Metropolitana de Feira de Santana, situado a 120 km de Salvador. O município de Iará fica cerca de 53 km de Feira de Santana e a 137 km de Salvador; possui uma população de 29.579 habitantes, uma área de 271 km² e a agricultura é a principal atividade econômica da região (Wikipédia, 2016c).

Para a análise dos dados, não foi utilizado programa informático, a base de dados foi criada manualmente, pergunta por pergunta, e, após contabilizada, foi inserida no programa informático Excel para construção dos gráficos. Dessa forma, os dados recolhidos pela aplicação do questionário anexo foram analisados por meio de uma análise descritiva de frequências e em seguida os resultados foram representados pelos gráficos de pizza.

2 GLOBALIZAÇÃO, AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) E AS SUAS INFLUÊNCIAS NA EDUCAÇÃO E O PERFIL DOS ESTUDANTES EM EaD

2.1 A Globalização e as suas desigualdades

Diante das imensas transformações proporcionadas pelo avanço tecnológico e da ciência surgem também novas formas nas relações políticas, sociais, econômicas, culturais, nos costumes e na relação do indivíduo consigo mesmo, com o outro e com o mundo, pois as informações circulam numa velocidade extrema e sem limite de fronteira geográfica, num completo sistema de globalização.

Para Anthony Giddens (2000: 09), há várias definições de globalização e algumas características do seu advento: “(...) a globalização proporciona desigualdades; é política, tecnológica e cultural, além de econômica, influenciada pelo progresso nos sistemas de comunicação (...)”. O autor afirma ainda que “a globalização não é um incidente passageiro em nossas vidas. É uma mudança das próprias circunstâncias em que vivemos. É a nossa maneira de viver atual” (Giddens, 2000: 25). Segundo Conceição Nogueira e Isabel Silva (2001), a globalização caracteriza-se por: concentração da produção e do capital em monopólios; fusão do capital bancário e industrial; alargamento do capital para além da tradicional importação e exportação de mercadorias; divisão do mundo em zonas de influência; consumação da divisão territorial do mundo pelos monopólios.

Tantos países pobres como ricos sofrem os resultados negativos da globalização e das tecnologias, que podem gerar fatores como a exclusão tecnológica, mais pobreza para uma parte da população, poluição ambiental devido à competitividade por mais produção industrial e grandes riscos econômicos para países muito pobres, com a abertura do comércio eletrônico em razão da concorrência desigual de preços e produtos. Um exemplo desastroso causado também pela globalização é dos refugiados civis e econômicos da Síria, que, por causa de conflitos, pobreza e guerra em seu país de origem, buscam a chance de recomeçar uma vida digna em outro país. Conforme anuncia o alto comissário da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres,

A Síria tornou-se a grande tragédia deste século. Uma calamidade humanitária com sofrimento e deslocação de pessoas que não tem paralelo na história recente (...). Esta é a maior população refugiada por um único conflito em toda uma geração. É uma população que precisa de apoio global. (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, 2016).

O mundo enfrenta a pior crise de refugiados desde a Segunda Guerra Mundial, segundo organizações como a Anistia Internacional e a Comissão Europeia. A ONU considera ainda que o conflito da Síria causou a pior crise de refugiados dos últimos 20 anos, envolvendo números que não se viam desde o genocídio de 1994 em Ruanda. E salienta ainda que o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) prevê que o total de sírios refugiados até o fim de 2015 seja de 4,27 milhões. Dessa forma, em um cenário globalizado, parece justo e real que o Estado assegurasse não apenas os direitos do seu povo, mas de todo e qualquer cidadão do mundo.

Por outro lado, o processo de inclusão social só é possível mediante aquisição de competências que podem ser resumidas na capacidade de aprender a aprender. Nesta sociedade moderna, rotulada como a sociedade da informação e do conhecimento, a ausência de competências em um indivíduo o afasta de uma vida social ativa e mais justa, proporcionando profundas desigualdades sociais. Para Philippe Perrenoud (2001: 06), “a competência está relacionada com o processo de mobilizar recursos como conhecimentos, capacidade e estratégias em diversos tipos de situações e especialmente em situações problemáticas”. O autor lembra ainda que o conhecimento antecede a competência, a competência não se opõe aos saberes, contudo competência não é aquisição de conhecimentos, fato que só ocorre quando há aprendizagem e prática da sua utilização. O autor afirma que “para desenvolver competências é necessário colocar o indivíduo em situações complexas, um problema a resolver, uma decisão a tomar, um projeto a conceber e desenvolver” (Perrenoud, 2003: 25).

Portanto, a aprendizagem constante, a troca de saberes e a produção de conhecimentos são características fundamentais na organização do trabalho na sociedade contemporânea, conforme salienta Pierre Lévy (2006: 14): “pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no início de seu percurso profissional estarão obsoletas no fim de sua carreira”.

Para Vani Kenski (2010: 23),

(...) as tecnologias de informação e comunicação, caracterizadas como midiáticas, são, portanto, mais do que simples suportes. Elas interferem em nosso modo de pensar, sentir, agir, de nos relacionarmos socialmente e adquirirmos conhecimentos. Criam uma nova cultura e um novo modelo de sociedade.

É bom lembrar que a globalização, assim como o avanço tecnológico, proporciona desigualdades e exclusões sociais. As desigualdades sociais acontecem de variadas formas: de gênero, de níveis de rendimento e estilo de vida, de classes, estratificação e mobilidade social, raça e etnia, de pobreza e exclusão social, de movimentos sociais e ação coletiva, de estado e políticas sociais igualitárias (Costa, 2012). O autor cita quatro fortes fatores como bases sociais das desigualdades no mundo globalizado: o acesso e o controle desiguais do capital financeiro, da informação, das mídias e do conhecimento científico-tecnológico.

Do ponto de vista de Antonio Firmino da Costa (2012), existem três principais dimensões de desigualdade: as desigualdades vitais, que englobam as desigualdades perante a vida, a morte e a saúde; as desigualdades existenciais, que caracterizam o desigual reconhecimento dos indivíduos humanos como pessoas, englobando desigualdades de liberdade, direitos, reconhecimento e respeito em sociedade; e, por fim, as desigualdades de recursos, que focam as desigualdades de rendimentos e de riqueza, de escolaridade e de qualificação profissional, de competências cognitivas e culturais, de posição hierárquica nas organizações e de acesso a redes sociais.

2.2. As TIC e a Educação

O acesso limitado à educação de qualidade é um dos elementos resultantes da elevada desigualdade social em um país, já que a desigualdade de escolarização produz futura desigualdade econômica e social consequente da atual desigualdade de classe. Mesmo com o acesso à educação por meio da escola pública sendo gratuito e para todos, houve um detrimento no seu papel principal de transformação, democracia, neutralidade e pregadora da igualdade social, prevalecendo apenas a ideia de instrução. Esta escola, que deveria representar a meritocracia, igualdade de oportunidade e justiça social, passou a reproduzir desigualdades sociais, proporcionando, por meio das suas ações, aquilo que a sociedade reproduz e, por consequência, privilegiando uma minoria.

De acordo com Teresa Seabra (2009), a visão meritocrática da igualdade de oportunidades ratificou-se no período imediato ao segundo pós-guerra, objetivando a identificação dos talentos necessários à reconstrução e à expansão econômica. Ou seja, a escola como autora de mudanças econômicas e sociais, mas dentro da qual deveria existir o mesmo sistema de ensino para todos, com os mesmos currículos, a mesma qualidade de professores, as mesmas exigências, proporcionando assim a chance dos mesmos resultados para todos. Para Émile Durkheim (2011: 47), um sistema educativo justo, meritocrático e de

igualdade social que objetiva transformar a sociedade, ao invés de ser reprodutor da ordem social já existente, não deve levar em consideração o acaso “que faz as nossas crianças nascerem aqui ou ali, de uns pais em vez de outros”, grifando aqui o acaso da sua cor também.

Dessa forma, sendo a educação a base de progresso de uma sociedade, é preciso que ela proporcione conhecimento e desenvolvimento de competências, seja funcional, oferecendo uma educação libertadora, crítica, questionadora, acolhedora e aberta à diferença, proporcionando-lhe assim um espaço de discussão aberto e cooperativo, eficaz para uma formação cidadã justa e ativa.

Definir educação parece desafiador e um tanto abstrato diante da sua diversidade histórica que reflete as características de seu tempo e da sociedade na qual as instituições educacionais estão inseridas. E por isso a educação não é estática, evolui e transforma-se conforme a necessidade de uma sociedade e dos interesses governamentais. Dentre várias de suas definições, Émile Durkheim (2011: 33) afirma que educação “é desenvolver em cada indivíduo toda a perfeição de que ele é capaz”. Já para Carlos Brandão (2007: 18) “a Educação não é mais do que o desenvolvimento consciente e livre das faculdades inatas do homem”.

A educação pode ser formal e informal. Segundo Carlos Brandão (2007: 26),

(...) o ensino formal é o momento em que a educação se sujeita à pedagogia (a teoria da educação); cria situações próprias para o seu exercício, produz os seus métodos, estabelece suas regras e tempos, e constitui executores especializados. É quando aparecem a escola, o aluno e o professor.

Rui Canário (2005: 62) afirma que “a escola é uma forma, é uma organização e é uma instituição”. O autor analisa a escola também sob uma visão diacrônica, identificando três períodos: o período da “escola das certezas”, o período da “escola das promessas” e o período da “escola das incertezas”.

A escola surgiu por volta do fim do século XVIII, marcado pelas revoluções liberal e industrial, entre a Revolução Francesa e o fim da Primeira Guerra Mundial e no auge do capitalismo liberal, sendo referência de ideais em analogia aos tempos modernos. Mas trouxe consigo a estratificação social, a divisão de classe e, conseqüentemente, a exclusão, já que por longo tempo a escola foi para uma minoria, frequentada apenas pela classe dominante. Esse quadro mudou nos tempos atuais com a implementação da escola pública gratuita e para

todos. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), por meio do Relatório Delors (Delors, 1996), embasada em um sentido ético para a educação e em valores relacionais como a democracia, paz, liberdade e justiça social, define quatro pilares para as políticas e para as ações educativas, pedagógicas, didáticas e formativas: o aprender a aprender, o aprender a fazer, aprender a viver juntos e o aprender a ser.

Portanto, urge uma educação para a transformação, uma educação que forme mentes críticas, analíticas, ativas, pensantes, livres e completamente autônomas, já que há uma sociedade cada vez mais informatizada, com transformações constantes e profundas, sobretudo nas formas de comunicação e de acesso ao conhecimento, e por isso o uso das TIC na educação pode ser um poderoso instrumento didático. O ciberespaço proporciona à escola uma diversificação da sua prática pedagógica, pois a internet, além de abrir um leque de opções para a renovação da prática pedagógica, leva a refletir sobre as concepções de ensino e aprendizagem. Para Pierre Lévy (2004: 40), a interação propicia aprendizado: “o hipertexto ou a multimídia interativa [a Internet, por exemplo] adequam-se particularmente aos usos educativos (...) é, portanto, um instrumento bem adaptado a uma pedagogia ativa”.

Em suma, frente a um universo completamente globalizado, as tecnologias apresentam uma nova forma de pensar a difusão do conhecimento e o desenvolvimento de uma sociedade, modificando a sua economia, cultura, educação e as relações interpessoais, afetivas e sociais. Aquele educador como o único detentor do conhecimento e a sala de aula estática baseada apenas na transmissão de conteúdos já não possuem espaço diante dos jovens da “geração digital”, que questionam, analisam, se comunicam mais, interagem, investigam, criticam, simulam, constroem, e não aceitam ser apenas espectadores da sua própria educação e construção de conhecimentos.

2.3. O Perfil dos Estudantes de Educação a Distância

A modalidade EaD vem crescendo a um ritmo bastante acelerado em relação ao ensino presencial no Brasil, provavelmente em decorrência da busca desenfreada pela qualificação para o mercado de trabalho. E por isso a educação a distância aparece cada vez mais no contexto das sociedades contemporâneas como uma modalidade de educação adequada e desejável para atender às novas demandas educacionais.

Nesse contexto surge o estudante virtual, o qual possui algumas características próprias que são necessárias para estimular a sua percepção e o seu aprendizado. O estudante de EaD precisa ser proativo, ter autonomia de estudo, disciplina, organização, foco,

capacidade de automotivação, conseguir se autogerenciar sem precisar da intervenção sistemática do professor ou dos colegas, internet de qualidade à disposição, facilidade com os ambientes virtuais e muita familiaridade com a leitura para não se sentir sobrecarregado ao se deparar com textos densos e extensos.

Maria Belloni (2012) argumenta que nas definições da EaD, além de englobar os “processos de ensino” é preciso também valorizar os “processos de aprendizagem”, os quais constituem as características e necessidades dos estudantes, seus modos e condições de estudos, níveis de motivação, aspectos educacionais essenciais ao tratar de EaD. Segundo a autora, “ensino a distância é o ensino que não implica a presença física do professor indicado para ministrá-lo no lugar onde é recebido, ou no qual o professor está presente apenas em certas ocasiões ou para determinadas tarefas”.

Dessa maneira, as instituições que oferecem cursos em EaD devem considerar o perfil do seu estudante para assim lograrem êxito. É preciso investigar seus anseios, suas expectativas, necessidades, dificuldades, condições de estudo para melhor implementar as suas estratégias de aprendizagem, promovendo a motivação, condução e o processo de ensino-aprendizagem. Silvane Gomes, Estela Leonardo e João Mota (2014: 64) alegam que “o perfil do público ao qual o curso se dirige é um elemento muito importante para a tomada de decisão sobre qual é o melhor material didático e a mídia mais apropriada.”

Os estudantes da maioria dos cursos, independentemente da modalidade, são heterogêneos, diferenciando-se pelas suas formações profissionais, idade, necessidades e, portanto, pela sua pertença a distintos grupos socioeconômicos e culturais. Ainda que a literatura afirme que os estudantes de EaD, na maioria, são adultos ativos profissionalmente, buscam novos conhecimentos e desejam dar continuidade aos estudos, Rena Palloff e Keith Pratt (2004) ressaltam que estatísticas recentes mostram a procura por cursos virtuais do ensino médio e universitários por estudantes com idade entre 19 e 23 anos.

Independentemente da modalidade de ensino, o professor precisa ser o mediador, gestor, incentivador, facilitador e mobilizador da aprendizagem, deixando para trás o papel centralizador do conhecimento, no qual só transmitia informações. Assim, o estudante de EaD deve ter a iniciativa de buscar e construir o seu conhecimento, estimulando a sua percepção e cognição para desenvolver habilidades e o costume de aprender a aprender. Este estudante deve ter acesso às ferramentas apropriadas e experiência com a tecnologia, hábitos e capacidades de estudo, objetivos e propósitos, disciplina para cumprir prazos, ser autônomo,

ter visão crítica e organização, fatores que desempenham um papel importante para conseguir terminar um curso ou programa de EaD.

Efetivamente, a autoaprendizagem é fundamental para a EaD, a qual, segundo Maria Belloni (2012), encontra-se ausente ou apenas implícita nas definições behaviorista e economicista. Ainda visando o aprendente, a autora considera que a “abertura”, compreendida como acessibilidade aos sistemas e flexibilidade do ensino, é outro elemento relevante na EaD. Para essa autora, na aprendizagem autônoma o estudante não é objeto ou produto, torna-se o sujeito ativo que produz a sua própria aprendizagem.

Por outro lado, a autora faz uma ressalva de que essa concepção de aprendente independente e capaz de gerenciar seus próprios estudos ainda é primitiva no mundo educacional e salienta que a educação em geral deve transformar-se para oferecer condições para incentivar uma aprendizagem autônoma baseada na construção do conhecimento, considerando esse “conhecimento como processo e não como mercadoria” (Belloni, 2012: 52). E afirma ainda que o aprendente autoatualizado é um mito, pois os estudantes de EaD, em sua maioria, trabalham e estudam em tempo parcial, muitos deixaram de estudar por um longo tempo, tiveram experiências educacionais negativas, são desmotivados, possuem baixa autoestima e, por isso, frequentemente, encontram dificuldades para ter autonomia em sua aprendizagem, gerenciar o seu tempo, planejamento e autodireção para a aprendizagem autônoma.

Em suma, é fundamental investigar o perfil do estudante da EaD e conhecer as suas características individuais e cognitivas, de forma a criar processos avaliativos e materiais didáticos mais adequados, resultando em uma melhor mediação do processo de ensino e aprendizagem. Por fim, vale ressaltar que, independente da modalidade de ensino, a educação é uma só, assim o estudante precisa ser considerado parte central do processo educativo, para quem devem ser focadas todas as decisões, pois não há uma fórmula única de perfil do estudante, e sim indivíduos bem complexos que precisam de uma educação de qualidade, independentemente da sua modalidade.

3 OS JOVENS, A ESCOLA E O ENSINO MÉDIO NO BRASIL

3.1 Os Jovens e a Escola

Nesta sociedade tecnológica, percebe-se o grande impacto nas relações dos jovens com o mundo. De acordo com Rita Espanha, Gustavo Cardoso e Tiago Lapa (2010: 21), “o domínio e o manejo das novas tecnologias e das novas mídias, a escolha entre múltiplas ofertas é algo com que os jovens têm crescido, faz parte das suas práticas diárias e está a introduzir-se na racionalidade prática dos jovens.” Referindo-se à aquisição de novas competências, a autora afirma ainda que devido à socialização midiática, intuitivamente, o jovem adquire novas competências, ao explorar paralelamente e facilmente a interligação entre realidades e métodos midiáticos diferentes. A geração da era digital, sem maiores dificuldades, domina o mundo tecnológico, rompendo distâncias e limites físicos.

Diante dessa nova geração tecnológica, formada por jovens que buscam novas formas de aprender, a escola também precisa oferecer novas formas de ensinar, pois a escola como realidade social é constituída pelas relações, ações e sentidos produzidos entre os estudantes, professores, gestores, funcionários e entre todos aqueles que a compõem (Abrantes, 2003). O autor ainda lembra que a escola é uma instituição naturalmente resistente a mudanças, guiada por normas diversas e rígidas, fechada à inserção de novas ideias, discussões, abordagens e temas que a sintonize com o mundo e realidade dos jovens da comunidade. É preciso lembrar também que a escola influencia o comportamento dos seus atuantes.

Atualmente, diante da diversidade juvenil que frequenta a escola, parece haver um choque entre alguns jovens e a escola, como se o espaço escolar fosse irreal diante do seu próprio universo, provocando um distanciamento entre a cultura juvenil e a cultura escolar. São jovens que se apresentam como críticos vorazes da escola, insatisfeitos, desinteressados, resistentes a aceitá-la da forma como se apresenta, surgindo uma antagonização entre escola e jovens, já que há uma grande resistência por parte da escola em renovar o espaço escolar, mudar e buscar adentrar de forma mais democrática ao mundo juvenil.

Juarez Dayrell (2009a: 20) afirma que, vendo a escola como construção social, os seus atores precisam de ser ativos e atuantes, tendo assim “uma relação de contínua construção, de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas”. Por isso, muitas vezes, a escola pode até reproduzir o tradicional e usar antigos métodos, contudo é necessário que esteja aberta à construção e possibilidade do novo. Inclusive, a escola moderna precisa considerar a experiência vivida pelos seus jovens em espaços diversificados da sua vida, esse

adquirir conhecimento precisa fazer sentido em paralelo à realidade vivenciada por esse jovem, o conhecimento precisa ser contextualizado com a realidade dos educandos.

A escola, além de desconsiderar a realidade desse jovem, esquece também a sua heterogeneidade etária e sexual, anulando assim a totalidade das dimensões humanas dos sujeitos que a compõem. Enquanto a escola perceber o conhecimento como produto em detrimento do processo, resultando numa implementação de unicidade de conteúdos, ideias, organização de tempo e espaço, ritmos e estratégias, deixando de lado assim a diversidade trazida pelo jovem, o resultado parece desastroso, como argumenta Juarez Dayrell (2007: 05):

(...) que os alunos chegam à escola marcados pela diversidade, reflexo dos desenvolvimentos cognitivo, afetivo e social, evidentemente desiguais, em virtude da quantidade e qualidade de suas experiências e relações sociais, prévias e paralelas à escola. O tratamento uniforme dado pela escola só vem consagrar a desigualdade e as injustiças das origens sociais dos alunos.

Em contradição com a ideia de unidade sobre o jovem, o autor apresentar ainda a concepção de juventudes, no plural, com base na diversidade que permeia o mundo juvenil atual, considerando que é na diversidade que se realizam alguns aspectos como as condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores), de gêneros, regiões geográficas e outros que constituem o sujeito como seres históricos e sociais.

Para José Sacristán (2005: 17):

(...) nas salas de aula repletas, encontramos seres reais com um status em processo de mudança, que não se acomodam à ideia que os adultos haviam feito deles. O mundo mudou, os alunos também. Teremos de alterar nossas representações do mundo e dos alunos, bem como nossas práticas.

Pedro Abrantes (2003), discursando sobre a identidade juvenil, afirma que essas identidades são geradas por meio das interações conforme características de afinidades grupais. E, no espaço escolar, essa identidade acontece pela participação cultural, “através de processos de integração, exclusão e distinção”. Dessa maneira, refletir sobre a diversidade no espaço escolar é acreditar que a liberdade se constrói exatamente pelo encontro com o outro, conforme já considerava Paulo Freire (2000: 22) ao afirmar que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho. Os homens se libertam em comunhão”. A educação e os seus processos, que se baseiam nas relações sociais, consideram as ações de sujeitos sociais que acontecem de forma histórica e social. E Juarez Dayrell (2009a: 08) argumenta ainda que:

São as relações sociais que verdadeiramente educam, isto é, formam, produzem os indivíduos em suas realidades singulares e mais profundas. Nenhum indivíduo nasce homem. Portanto, a educação tem um sentido mais amplo, é o processo de produção de homens num determinado momento histórico.

Em suma, o espaço escolar é privilegiado quando percebido no seu aspecto sociocultural, inserindo os seus atores nesse contexto social que o forma, abrindo assim espaço para a diversidade, o que implica numa educação mais democrática, livre de imposições rígidas e, portanto, aberta a discutir os processos dominantes, como a própria educação, a política, a economia, a religião etc.

3.2 O Ensino Médio no Brasil

As mudanças marcadas pela implementação da Lei nº 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB),¹ marcou a educação brasileira na segunda metade da década de 1990, estabelecendo, por exemplo, a continuidade da obrigatoriedade da escola básica até o nível médio. A Educação Básica é considerada o caminho para assegurar a todos os brasileiros a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes os meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. Desde 2009, a educação básica tornou-se obrigatória dos 4 aos 17 anos, é ofertada gratuitamente para todos aqueles que não a cursaram na idade devida e é composta de três etapas: a Educação infantil, que atende crianças até 5 anos em creches (0 a 3 anos) e pré-escolas (4 a 5 anos); o Ensino Fundamental (Fundamental I e II),² com duração mínima de nove anos; e o Ensino Médio, com duração mínima de três anos.

Atualmente, os documentos que norteiam a educação básica são a LDB, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (DCN)³ e o Plano Nacional de Educação (PNE),⁴ aprovado pelo

¹ A Lei nº 9394/96 é a lei orgânica e geral da educação brasileira, a qual dita as diretrizes e as bases da organização do sistema educacional

² Fundamental I refere-se ao período do 1º ao 5º, chamado anteriormente de curso primário, e Fundamental II ao período do 6º ao 9º ano, chamado anteriormente de ginásio.

³ As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica são normas obrigatórias para a Educação Básica que orientam o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de ensino. Elas são discutidas, concebidas e fixadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e têm origem na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996.

Congresso Nacional em 26 de junho de 2014. Outros documentos fundamentais são a Constituição da República Federativa do Brasil e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Para Moaci Carneiro (2012), três pontos formam a trindade ausente do Ensino Médio: componente estruturante da educação básica, salário docente e as condições de trabalho no ambiente escolar, além de outros fatores como o grande número de estudantes por sala e currículo com padrões de classe social alta. No gráfico apresentado pela ONG Todos Pela Educação,⁵ é possível analisar os principais nós do Ensino Médio (ANEXO A). Nora Krawczyk (2011) assinala ainda que é preciso considerar a redução do aumento das matrículas totais do país desde 2004, as diferenças regionais do país, a manutenção de alta porcentagem de distorção idade/série (ANEXO G) e os altos índices de abandono e fracasso escolar (ANEXO H) para a criação de políticas públicas visando a melhoria e a qualidade do Ensino Médio.

Vale ressaltar que 76% dos jovens brasileiros de 20 a 24 anos não estudam; entre os 15 e os 29 anos, mais de 20% dos brasileiros nem estudam e nem trabalham; e quase 40% dos jovens e adultos entre 25 a 34 anos não concluíram o ensino médio. O Índice de Oportunidades da Educação Brasileira (IDEB)⁶ do país é de 4,5 numa escala que vai de zero a dez. Para o Ensino Médio ficou em 3,7 em 2013 (ANEXO B). Sinalizando ainda as diferenças

⁴ O Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024) em movimento determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional dos próximos dez anos. O primeiro grupo são metas estruturantes para a garantia do direito a educação básica com qualidade, e que assim promovam a garantia do acesso, à universalização do ensino obrigatório, e à ampliação das oportunidades educacionais. Um segundo grupo de metas diz respeito especificamente à redução das desigualdades e à valorização da diversidade, caminhos imprescindíveis para a equidade. O terceiro bloco de metas trata da valorização dos profissionais da educação, considerada estratégica para que as metas anteriores sejam atingidas, e o quarto grupo de metas refere-se ao ensino superior.

⁵ Fundado em 2006, Todos Pela Educação é um movimento da sociedade civil brasileira que tem a missão de contribuir para que até 2022, ano do bicentenário da Independência do Brasil, o país assegure a todas as crianças e jovens o direito a Educação Básica de qualidade. Esses dados foram divulgados em 2015 pelo relatório “De Olho nas Metas”, publicado a cada dois anos a fim de acompanhar os indicadores educacionais do Brasil, os resultados desta edição referem-se aos anos de 2013 e 2014.

⁶ IDEB é um indicador geral da educação nas redes privadas e públicas, criado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino. O IDEB é calculado a partir da taxa de rendimento escolar (aprovação) e as médias de desempenho nos exames aplicados, como a Prova Brasil para escolas e municípios, e do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), para os estados e o país, realizados a cada dois anos.

regionais encontradas na educação citadas pela autora, o maior IDEB no Brasil é da cidade de Sobral, no Estado do Ceará, Nordeste do país, de 6,1, e a capital com melhor desempenho é São Paulo, com IDEB de 4,8, tendo Belém o IDEB mais baixo entre as capitais brasileiras, de 3,5 (Krawczyk, 2011).

Portanto, ampliar os recursos para a educação, como estabelece o PNE, sem renovação e mudanças funcionais, visando a uma gestão descentralizada, uma escola mais autônoma, um currículo forte e a valorização da carreira docente, o Ensino Médio oferecido continuará com as suas bases obscuras, indefinidas e sombrias, distante da finalidade legal da LDB, que preconiza preparar o estudante do Ensino Médio para a prática da cidadania e proporcionar-lhe caminhos de progressão ao trabalho e posteriores estudos.

Todavia, é importante destacar que, mesmo diante de tantos obstáculos, falhas e entraves do ensino médio, o aumento da escolaridade surge como a grande mudança entre os membros mais jovens das famílias que ascenderam à classe média brasileira na última década devido à expansão da renda e do poder de consumo. Filhos cujos pais não tiveram muitas oportunidades educacionais conseguiram atingir o nível superior educacional nos últimos 10 anos. Além da renda, há outros fatores que ajudaram os estudantes pobres a atingirem níveis de escolaridade superior, como as políticas públicas e diversos programas do Governo Federal criados entre os anos de 2003 e 2014. Neste período o Governo construiu 214 escolas técnicas federais, criou 18 universidades federais, ampliando o número de municípios com universidades, e duplicou o número de vagas.

Foram criados programas como o Programa Universidade para Todos (PROUNI), proporcionando o acesso às universidades privadas aos estudantes de baixa renda por meio de bolsas de estudos; o Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), que oferece recursos para investir no conhecimento, possibilitando às universidades criar mais vagas e diversificar os horários dos cursos; a Lei de Cotas Sociais, a qual destina 50% das vagas em universidades federais para quem fez o ensino médio integralmente em escola pública, sendo essas vagas distribuídas entre negros, pardos e indígenas, de acordo com a composição étnica de cada estado; o Ciência sem Fronteira, programa que oferece intercâmbio em universidades estrangeiras de ponta; e, por fim, o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), que investe no jovem de baixa renda oferecendo diversos cursos técnicos e de qualificação profissional gratuitos, além de livros, uniforme, material para aulas práticas e auxílio alimentação e transporte.

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) transformou-se no principal caminho para o ingresso no ensino superior, já que antes o exame era apenas um instrumento de avaliação da qualidade do ensino médio. A nota do ENEM passou a ser considerada para ingressar no ensino superior; 95% das universidades federais e grande parte das instituições de ensino superior privadas utilizam suas notas como mecanismo de seleção e ela começa ser aceita também na seleção para universidades estrangeiras, como é o caso da Universidade de Coimbra, em Portugal. O exame é válido ainda para participar do PROUNI, do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) e das bolsas do programa Ciência sem Fronteiras. O governo ainda reduziu os juros e expandiu o prazo de carência e quitação do FIES, programa que oferece crédito aos estudantes de baixa renda para cursar a universidade privada. Provavelmente esse quadro de mudanças de programas e políticas educacionais tenha levado ao novo panorama no Brasil, com jovens da classe de baixa renda bem mais escolarizados do que os seus avós ou pais.

E quem são esses jovens que adentram o ensino médio? Como eles percebem essa escola? Qual a sua relação com o ensino médio oferecido em consonância com a seu mundo real? O que realmente pensam ser importante aprender nesse nível de ensino para a sua vida futura fora da escola? Será que a escola conhece os seus jovens? Essa escola considera suas experiências fora dos muros escolares? Por que um número tão grande de jovens evadidos e de abandono escolar no ensino médio? E o que fazer para que essa escola seja significativa para os jovens? Esses e tantos outros questionamentos são feitos e discutidos pelos autores que pesquisam o ensino médio no Brasil e também pelos educadores e pela sociedade brasileira de forma geral.

Contudo, mesmo diante do conflito juvenil em relação à escola, é impossível negar o aumento da escolaridade entre as gerações mais jovens de baixa renda em relação aos seus pais, mesmo que não encontrem suficiente sentido na vida escolar, ou para pensar no mundo do trabalho a partir da escola e até mesmo para conseguir uma colocação profissional (Krawczyk, 2011).

Por outro lado, aos problemas e dificuldades já citados juntam-se desafios sociais como a violência urbana, a gravidez precoce, o envolvimento com drogas, a desnutrição, o baixo poder aquisitivo e o cansaço pelo dia de trabalho. Medidas tomadas, como: a oferta prioritária ser responsabilidade dos estados; introdução do currículo por competências; o uso

de avaliação como o ENEM⁷ para ingresso na Universidade; e retirar do sistema regular os estudantes com defasagem idade/série ainda não foram suficientes para um ensino médio de qualidade e igual para todos.

O desempenho insatisfatório dos jovens brasileiros nas avaliações nacionais – SAEB⁸ e ENEM – e internacionais – PISA⁹ – agrava ainda mais a discussão sobre a qualidade do ensino médio no Brasil. Por exemplo, dados apontam que o Brasil ocupa a 38ª posição entre 44 países que testaram habilidades de estudantes de 15 anos em resolver problemas de raciocínio relacionados ao cotidiano (ANEXO C). Ainda referente aos resultados do PISA 2012, entre os 65 países comparados (ANEXO D), o Brasil ficou em 58º lugar no desempenho dos estudantes nas três áreas de conhecimento avaliadas e possui as taxas de repetência mais alta entre os países sul-americanos (ANEXO E). A repetência gera um grande custo financeiro ao país, desmotivando o estudante e levando-o ao abandono escolar, fato que faz do Brasil o campeão em abandono escolar entre os países do Mercosul.

Vale pontuar ainda que, no Brasil, apenas 54,3% dos jovens terminam o ensino médio aos 19 anos de idade (ANEXO I); a taxa de distorção idade-série ainda é bastante alta,

⁷ O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é uma prova realizada pelo Ministério da Educação do Brasil, criada para avaliar a qualidade do ensino médio nacional. A prova também é feita por pessoas com interesse em ganhar bolsa integral ou parcial em universidade particular através do ProUni (Programa Universidade para Todos) ou para obtenção de financiamento através do Fies (Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior). Desde 2009 o exame serve também como certificação de conclusão do ensino médio em cursos de Educação de Jovens e Adultos (EJA), antigo supletivo, substituindo o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos.

⁸ Prova Brasil e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) são avaliações para avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos. Os testes são aplicados no quinto e nono anos do ensino fundamental II, os estudantes respondem a questões de língua portuguesa focando leitura e matemática com foco na resolução de problemas. Professores e diretores das turmas e escolas avaliadas também respondem a questionários que coletam dados demográficos, perfil profissional e de condições de trabalho.

⁹ O *Programme for International Student Assessment* (PISA) – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – é uma iniciativa de avaliação comparada, aplicada a estudantes na faixa dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países. O programa é desenvolvido e coordenado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Em cada país participante há uma coordenação nacional. No Brasil, o PISA é coordenado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

marcando 28,2% em 2013; em 2014, a taxa de analfabetismo foi de 8,3% com 15 anos ou mais (ANEXO J) e entre os jovens de 15 a 19 anos, de 0,9%; e há uma enorme diferença marcando as taxas regionais de analfabetismo, com a região Nordeste apresentando um percentual de 16,6%, seguida pela Norte (9,5%), Centro-Oeste (6,5%), Sudeste (4,8%) e Sul (4,6%).

Efetivamente, o atual ensino médio brasileiro não atende de forma satisfatória a nenhuma das partes interessadas, como os jovens, os educadores e a sociedade. Por isso, urge reinventar a escola, ver esse jovem como o único protagonista de todo o processo da Educação, acolhê-lo para além dos muros escolares, considerando a sua nova forma de ser juvenil, com anseios e identidade únicos e heterogêneos. A escola precisa ressignificar o espaço escolar com políticas públicas de qualidade para todos os níveis da Educação, considerando os princípios da equidade e da valorização da diversidade, dos direitos humanos, da gestão democrática do ensino público, da garantia de padrão de qualidade, da acessibilidade com igualdade de condições e permanência do educando na escola. Vale lembrar que as desigualdades geradas na educação brasileira são um dos alicerces da desigualdade social dominante no Brasil.

4 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL E AS SUAS POLÍTICAS PÚBLICAS

4.1 Educação a Distância no Brasil

Surgem variadas discussões sobre o uso das TIC na educação mundial devido ao novo cenário representado pelas mudanças sociais e comportamentais na Sociedade da Informação, em decorrência do avanço tecnológico. Portanto, urge refletir sobre novas maneiras, direções e caminhos de como aprender e ensinar embasadas no uso das TIC. Manuel Castells (1999: 56) afirma que “a sociedade está construída em torno de fluxos: fluxos de capital, de informação, de tecnologia, de interação organizacional, de imagens, tons e símbolos.”

Então com uma economia global, uma cultural virtual e uma sociedade em rede, essa Era da Informação oferece dinamismo, praticidade, velocidade, inovação e mudanças constantes nos setores econômico, pessoal, social, profissional, educacional e político. O uso dominante das tecnologias e das ciências em todos os setores da sociedade moderna induziu a novas formas de transmissão de conteúdos. Informação digitalizada, imagens e sons marcam a transição da educação na sociedade informatizada, exigindo profundas mudanças nas suas teorias pedagógicas. Dentro desse contexto, a educação a distância surge como uma opção à democratização da educação, inclusão social e digital, como uma possibilidade de rompimento de barreiras de tempo e espaço, sendo portanto um caminho para a equidade social do país.

É relevante salientar que ainda que a EaD tenha recebido variadas definições ao longo da sua história em diversos países, há alguns detalhes comuns e próprios da educação a distância. Assim, Carmem Maia e João Mattar (2007: 06) definem a EaD como “uma modalidade de educação em que professores e alunos estão separados, planejada por instituições e que utiliza diversas tecnologias de comunicação”. Michael Moore e Greg Kearsley (2013: 02) definem-na “como a modalidade educacional na qual o processo de ensino-aprendizagem ocorre com a intervenção das tecnologias de informação e comunicação, de forma planejada”. Na perspectiva de Eduardo Chaves (1999), o ensino a distância ocorre quando o ensinante (quem está ensinando) e o aprendiz (quem está aprendendo) estão separados no tempo e no espaço. Obviamente, para que possa haver EaD, mesmo nesse sentido fundamental, é necessário que ocorra a intervenção de alguma tecnologia. Já para José Moran (2002: 01), “educação a distância é o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, onde professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente”.

Dessa maneira, é possível observar a variação nas definições e no uso da terminologia por parte dos autores ao definir a EaD. Michael Moore e Greg Kearsley, por exemplo, usam “modalidade”; Eduardo Chaves, “ensino”; e José Moran, “educação”. Todavia, é importante salientar que todos os autores citam o uso das tecnologias como base organizacional, focando a separação física entre os estudantes e os professores. Eduardo Chaves (1999: 31) argumenta que o ensino pode ocorrer a distância, mas “a educação ou a aprendizagem são processos que acontecem, de certo modo, dentro da pessoa – não há como possam ser realizados a distância”. Ainda alega que “Educação a Distância e Aprendizagem a Distância são expressões totalmente inadequadas” (Chaves, 1999: 33). Na visão de José Moran (2002: 18), “na expressão 'ensino a distância' a ênfase é dada ao papel do professor (como alguém que ensina a distância)”. E salienta ainda que apesar de não haver uma expressão por todo adequada, prefere “a palavra 'educação' por ser mais abrangente”.

Assumindo a explanação política deste capítulo, é fundamental citar a definição da EaD do Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que a regulamenta: “Educação a Distância é a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos” (Brasil, 2005: 01). E ainda é relevante citar que o Decreto nº 2.494/98, substituído por esse último citado, caracterizava a EaD como uma “forma de ensino” no Artigo 1º:

Educação a distância é uma forma de ensino que possibilita a autoaprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação (Brasil, 1998a: 01).

Ao contrário de Otto Peters (2009), que divide a história da EaD em três gerações (educação/ensino por correspondência; era da educação a distância pelas novas mídias/universidades abertas; e EaD online), Michael Moore e Greg Kearsley (2013) apontam cinco gerações: 5ª Geração, a partir dos anos 1990; 4ª Geração, anos 1980; 3ª Geração, década de 1960; 2ª Geração, início do século XX; e 1ª Geração, século XIX, conforme ilustra Quadro 4.1 – Gerações da História da EaD. Pode-se pontuar os principais momentos da EaD no Brasil a partir de 1904 (Carmem e Mattar, 2007: 32):

- a) 1904 Ensino por correspondência;
- b) 1923 Educação pelo rádio;
- c) 1941 Instituto Universal Brasileiro;
- d) 1965 Criação das Tvs educativas pelo poder público;
- e) 1977 Telecurso (Fundação Roberto Marinho);
- f) 1985 Uso do computador *stand alone* ou rede local nas universidades;
- g) 1985 Uso de mídias de armazenamento (videoaulas, disquetes, CD ROM);
- h) 1991 Salto para o futuro;
- i) 1994 Início da oferta de cursos superiores a distância por mídia impressa;
- j) 1995 Fundação da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED);
- k) 1996 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; Criação da Secretaria de Educação a Distância (SEED);
- l) 1997 Criação de ambientes virtuais de aprendizagem;
- m) 1998 Decretos e portarias que normatizam a EaD;
- n) 2005 Universidade Aberta do Brasil (UAB).

4.2 Políticas Públicas em Educação a Distância no Brasil

Em resumo, a Lei 9.394/96, no título VIII, artigo 80, pontua ações para valorização da EaD, e há ainda outros artigos que mencionam a educação a distância, como o Art. 32, § 4, o Art.87, § 3º e a menção explícita da educação a distância no Art. 47, § 3º e no Art. 37, § 1º, e o artigo 87 das Disposições Transitórias da LDB (Brasil, 1996). Atualmente, a maior parte da base legal da EaD no Brasil encontra-se publicada nos seguintes documentos: Lei nº 9.394/96 (LDB), Portaria nº 4.059/04 (Brasil, 2004), Decreto nº 5.622/05, Decreto nº 5.773/06 (Brasil, 2006), Decreto nº 6.303/07 (Brasil, 2007a), Portaria nº 40/2007 (Brasil, 2007b) e Portaria nº 10/2009 (Brasil, 2009).

Mesmo que a LDB tenha consolidado a EaD no sistema brasileiro educacional, a modalidade ainda carecia de normas que permitissem o seu uso no Brasil, fato que ocorreu com o Decreto 5.622/05, regulamentador do Art. 80 da LDB. Tal fato promoveu grande avanço na regulamentação do ensino a distância no Brasil, determinando ações de administração, credenciamento e regras para a avaliação e certificação, regulamentadas em um único e específico documento no qual são indicados, também, padrões de qualidade. Com a extinção da Secretaria de Educação a Distância (SEED) em 2011, os projetos em EaD migraram para a Secretaria de Educação Básica (SEB) ou de Ensino Superior (SESU), e a EaD passa a ser administrada pelas secretarias convencionais, com as mesmas medidas tanto para a modalidade presencial como para a modalidade a distância.

Segundo dados do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), as matrículas de nível superior em EaD cresceram 158 vezes entre 2000 e 2009 e, ainda mais, de 2008 a 2009; o número de cursos de graduação a distância cresceram 30,4% e

os presenciais 12,5%, totalizando assim 14,1% das matrículas em universidades para EaD (ANEXO K).

Apesar do enorme atraso na regulamentação da EaD no Brasil e ainda serem necessários tantos aprimoramentos, inovações, evoluções e progressos, hoje já é possível afirmar que suas bases são sólidas na cooperação para construir uma educação de mais qualidade e mais inclusiva. Do ponto de vista de José Moran (2011), os cursos superiores a distância são uma realidade recente e os educadores brasileiros ainda estão aprendendo a fazer educação nessa modalidade, não sendo o crescimento maior em razão de uma desconfiança. Como nota o autor, “muitas instituições e alunos entraram para ganhar dinheiro ou achando que era mais fácil que o presencial” (Moran, 2011: 23). O autor caracteriza a EaD como uma forte democratização para o ensino superior, ressaltando a grave falta de especialistas em cidades pequenas: “ela vem para atender alunos que teriam que se deslocar para capitais. Se eles saem do interior dificilmente voltam e deixam as cidades pequenas sem especialistas” (Moran, 2011: 30).

Por fim, é importante salientar que, tratando-se do tamanho territorial do Brasil e do número populacional que precisa ser educada, a EaD toma uma imensa relevância para a equidade social. A EaD pode ser um grande caminho para a democratização da educação brasileira, resultando assim numa sociedade mais justa e igualitária, sinalizando dessa forma a relação entre educação, pobreza e desigualdade social. E, por sua vez, sem a modalidade EaD parece quase impossível que o governo brasileiro cumpra suas metas educacionais em todos os níveis, na educação básica, superior e na pós-graduação.

5 ANÁLISE DE DADOS

5.1 O Programa EMITEC

O objeto de estudo desta pesquisa é o Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (EMITEC), um programa estruturante da Secretaria da Educação da Bahia que faz uso de uma rede de serviços de comunicação multimídia que integra dados, voz e imagem. O EMITEC é uma alternativa pedagógica que atende a jovens e adultos que, prioritariamente, moram em localidades distantes ou de difícil acesso em relação a centros de ensino-aprendizagem, onde não há oferta do Ensino Médio, além de atender a localidades que tenham deficiência de profissionais com formação específica em determinadas áreas de ensino.

O EMITEC foi lançado em 2011 pelo Governo do Estado da Bahia, em Salvador, por meio da Secretaria da Educação, como um caminho pedagógico visando suprir os três maiores desafios da educação pública do Estado: a extensão territorial constituída por 417 municípios, a carência de docentes habilitados em localidades longínquas e a necessidade de articular os acontecimentos globais com os locais. Por meio da intermediação tecnológica, o Governo do Estado se propõe a ir até o estudante que não concluiu os três últimos anos da educação básica, focando na construção cidadã, oferecendo a oportunidade de concluir este nível de ensino, cooperando assim para alcançar as demandas da sociedade brasileira e do Plano Nacional de Educação (PNE 2001-2010), conseqüentemente, amenizando as desigualdades educacionais do Estado. O Programa está em consonância com os princípios das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) (Brasil, 1998b), Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) (Brasil, 1999), Orientações Curriculares Estaduais para o Ensino Médio (Ramos, 2015) e o documento Princípios e Eixos da Educação na Bahia (Bahia, 2007).

As aulas são transmitidas ao vivo por meio de uma moderna plataforma de telecomunicações com solução tecnológica desenvolvida especialmente para o Programa, que inclui a possibilidade de videoconferência e de acesso simultâneo com comunicação interativa entre usuários, empregando IP (Internet Protocol)¹⁰ por satélite. O Programa utiliza ainda um

¹⁰ O IPTV (Internet Protocol Television), conectividade da TV com a internet, é um novo método de transmissão de sinais televisivos que utiliza o protocolo IP (Internet Protocol) como meio de transporte do conteúdo. Na IPTV o conteúdo é enviado apenas em streaming (Fluxo de mídia: forma de distribuir informação multimídia numa rede através de pacotes na internet, sendo reproduzida à medida que chega ao usuário), porém com garantia de qualidade na entrega. O

recurso tecnológico diferenciado, que é a Plataforma Moodle, que constitui-se de um ambiente virtual de ensino destinado a oferecer suporte teórico e metodológico aos professores mediadores do Programa e a socializar as produções educativas dos estudantes.

Com uma dinâmica diferenciada, as aulas acontecem simultaneamente em todas as telessalas espalhadas pelo Estado. Nas telessalas, os estudantes têm a presença de professores mediadores, que realizam a interlocução de dúvidas para os professores em estúdio, oferecem suporte aos estudantes e aplicam as avaliações, que são por áreas e interdisciplinares, além da comunicação via chat também em tempo real. As aulas acontecem de segunda a sexta-feira, excepcionalmente aos sábados, conforme cronograma de cada turno e a carga horária exigida por lei. No horário diurno são três tempos de aula, sendo 50 minutos de aula expositiva, 15 minutos de interatividade e 15 minutos para atividades em sala, com intervalo de 10 minutos. No horário noturno, também são três tempos de aula, sendo apenas 30 minutos de exposição, 15 minutos de interatividade e 10 minutos para atividade em sala, com 05 minutos de intervalo.

Atualmente o programa possui 722 telessalas, 949 turmas, está em 430 localidades e 150 municípios do interior da Bahia, atende em média 19 mil estudantes por ano e, desde a sua criação, já beneficiou mais de 60 mil estudantes. A propósito, é relevante registrar que o EMITEC possui uma taxa de aprovação de 83%, reprovação de 5% e abandono/desistência de 9%. Em contrapartida, no censo escolar de 2014 realizado pelo INEP, para o ensino médio no Estado da Bahia, a taxa de aprovação foi de 74%, a reprovação de 16% e abandono/desistência de 10,1%.

Cada telessala tem capacidade para 30 estudantes, possui um televisor de 50 polegadas e um computador com webcam e microfone, uma antena VSAT bidirecional, roteador-receptor de satélite, cabeamento estruturado (LAN), impressora a laser, no-break e acesso à Internet em banda larga via satélite. As aulas virtuais acontecem na cidade do Salvador a partir de 03 estúdios instalados no Instituto Anísio Teixeira (IAT), simultaneamente nos três estúdios a cada turno. Para a coordenadora do projeto, Prof^a Letícia Machado (Bahia, 2007),

O EMITEC é um programa que já está implantado, já tem consistência e foi abraçado pela comunidade. O projeto viabiliza aos moradores das locali-

receptor é um aparelho set-top Box ligado à televisão (semelhante ao aparelho da televisão a cabo). Permite entrega de áudio e vídeo com alta qualidade, dependendo de uma conexão Banda Larga.

dades mais distantes a continuidade dos estudos e lhes dá a possibilidade do ingresso no ensino superior a partir da conclusão da educação básica.

Essa metodologia exige do professor uma prática docente compatível com o uso contínuo das TIC e o domínio do conteúdo específico. Portanto, os professores especialistas que ministram as aulas nos estúdios centrais da capital baiana são professores efetivos do Governo do Estado da Bahia, além de receberem um treinamento específico para atuarem no Programa; em sua maioria possuem mestrado e/ou doutorado. Hoje, o Programa possui em torno de 110 professores especialistas. Vale salientar que o estudante pode interagir em tempo real com esse professor especialista, posicionando-se diante da câmera nas respectivas salas de aula, com transmissão de imagem, voz e dados, resultando em um diálogo efetivo.

Os conteúdos curriculares do EMITEC também propõem atividades trans e interdisciplinares visando incorporar temas da atualidade, que permeiam a cultura regional, bem como os transversais recomendados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Além disso, há gincanas e feira do conhecimento nas quais são desenvolvidas ações promotoras do exercício da cidadania, com participação de toda a comunidade escolar, bem como é estimulada a criatividade e o conhecimento científico dos estudantes. Então, percebe-se que tal metodologia pode estimular a construção do conhecimento, mediante o trabalho investigativo, cooperativo e de integração de grupos, criando um ambiente propício e incentivador da criatividade e aprendizagem, contribuindo para a formação integral e integrada dos estudantes e ampliando a sua visão além do espaço escolar.

O projeto já foi destaque fora do estado da Bahia, quando ao final de 2012 conquistou o 3º lugar na Categoria Inovação do Prêmio de Excelência ABED Pearson em EaD oferecido pela Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED) e pela Pearson Education Brasil, empresa de soluções educacionais. Recebeu em 2013 a certificação de tecnologia social como um dos finalistas do 7º Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social, passando a ser referência de educação a distância para outros países. A certificação é uma das etapas da 7ª edição do Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia e funciona como um selo de qualidade para as iniciativas .

À época, o secretário estadual de Educação da Bahia, Osvaldo Barreto afirmou que:

O EMITEC é um dos programas da Secretaria da Educação que mais me orgulha pela sua proposta educativa de inclusão social (...). E o que está por trás é uma visão interdisciplinar, dentro de uma metodologia pedagógica que permite aos estudantes terem uma visão crítica do mundo, proporcionando a

interatividade entre eles e os professores da rede estadual envolvidos (Bahia, 2013).

A coordenadora do EMITEC, Prof^a Letícia Machado, acrescentou ainda que

(...) é muito importante passarmos a ser uma referência não só para o Brasil, como também para todo o mundo. A partir de agora, o EMITEC está disponível em três idiomas para acesso no site da Fundação Banco do Brasil, e poderá ser replicado para outros países (Bahia, 2013).

Os projetos certificados, em todo o país, passaram a integrar o Banco de Tecnologias Sociais (BTS) do Banco do Brasil – uma base de dados on-line contendo informações sobre as tecnologias sociais e as instituições que as desenvolveram. O conceito de tecnologia social compreende os produtos, técnicas ou metodologias reprodutíveis desenvolvidos na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social. O Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social é concedido a cada dois anos, com o objetivo de identificar, certificar, premiar e difundir essas iniciativas (Fundação Banco do Brasil, 2014).

O Projeto possui quatro volumes do livro “Estratégias de Ensino e Aprendizagem em EaD: tendências e práticas atuais” (Santos, 2010, 2011, 2012a e 2013), nos quais são reunidos artigos sobre práticas pedagógicas na educação a distância. De acordo com a diretora do Programa, a intenção da coletânea é disseminar boas práticas de ensino a distância e auxiliar os educadores a superar os desafios da sala de aula virtual compartilhando reflexões, pesquisas e experiências do ensino médio mediado por tecnologias. Entre os temas abordados no livro, destacam-se o ensino da língua inglesa na graduação a distância, a gestão nesta modalidade de educação, a docência superior com foco na formação geral, que vai além do ensino técnico, a evolução da escrita no processo de letramento e a construção colaborativa do conhecimento. Há também três volumes do livro “Educação Básica com Intermediação Tecnológica: tendências e práticas” (Santos, 2012b, 2014 e 2015); as obras são formadas por uma coletânea de trabalhos e experiências realizados com as turmas do ensino médio pelo corpo docente do Projeto no decorrer da sua existência. As duas coletâneas citadas foram organizadas pela coordenadora do projeto, Prof^a Letícia Machado, com textos produzidos pelos professores do Programa.

Luiz Eduardo Magalhães, na Bahia, é a cidade mais distante que atua com o EMITEC, localizada a aproximadamente 945 km da capital baiana, marcando assim o maior foco do

Projeto em levar educação para áreas tão distantes no estado. Segundo o censo demográfico de 2015, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dentre as 27 unidades federativas brasileiras, a Bahia é o quarto estado mais populoso e o quinto maior do Brasil, com uma população de 15.203.934 habitantes, distribuída em 564.733,08 km² nos seus 417 municípios, e ainda é o maior estado da região Nordeste. No estado, 53,8% dos domicílios não tem rede de esgoto, o índice de mortalidade infantil é de 31,4 mortes por mil crianças nascidas vivas, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,742 e a taxa de analfabetismo é de 16% entre pessoas com 15 ou mais anos (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2016).

O titular da Secretaria de Desenvolvimento Rural, Jerônimo Rodrigues, afirma que a maior população rural do Brasil encontra-se na Bahia, em torno de quatro milhões de pessoas no campo, número que equivale a 32% da sua população. O estado ainda concentra 14,5% de toda a população brasileira que reside em zonas rurais, e 30,4% da população rural nordestina (Lemos, 2015). “A grande questão em relação à urbanização é que, nas zonas rurais, a população tem menos acesso a serviços, como saneamento básico adequado, educação e saúde”, observa a diretora de Pesquisas da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), Thaiz Braga (Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2016).

Os municípios baianos representam quase 7,5% dos 5.565 municípios existentes em todo território nacional. E alguns dos seus municípios possuem dimensões superiores a de unidades federativas brasileiras e até mesmo de Estados soberanos, especialmente quanto à área e população, a exemplo de Salvador, com um pouco mais de 2,9 milhões de habitantes (maior que o Kuwait, além de sete estados brasileiros e o Distrito Federal), e Formosa do Rio Preto, município baiano com mais de 16 mil km² (maior que o Timor-Leste e bem mais que o dobro do território do Distrito Federal) (Wikipédia, 2016d).

5.2 Análise de Dados dos Estudantes Formados

Conforme já mencionando neste trabalho, o questionário aplicado tanto para os estudantes formados como para os atuais estudantes buscou pontuar dados como o perfil socioeconômico, educacional e o acesso às tecnologias dos estudantes. Os estudantes formados concluíram o ensino médio entre os anos de 2012 e 2014.

Dessa maneira, quanto ao perfil socioeconômico referente aos estudantes formados, constituiu-se 06 pessoas do sexo feminino e 04 do sexo masculino, com idades entre 21 e 50

anos, sendo 09 solteiros e apenas 01 casado; a maioria trabalha e tem filhos, e em sua maioria tem renda familiar de um salário mínimo. Todos os estudantes formados cursaram Ensino Fundamental I e II também na escola pública; sete dos ex-estudantes têm alguém na família que também concluiu o ensino médio pelo EMITEC; sete optaram pelo EMITEC pelo fato de residirem na zona rural e não haver escola de ensino médio.

Quanto à escolaridade da família, é bem significativa a baixa escolaridade entre os avós e os pais dos estudantes formados. Ainda que o questionário pergunte sobre os irmãos, tal análise não foi considerada pelo fato de não constar a idade do referido irmão, sendo possível que estes irmãos ainda sejam crianças em razão da pouca idade da maioria dos respondentes. É muito interessante observar que há uma pessoa que atualmente realiza o curso de Técnico de Enfermagem e possui pais com ensino médio incompleto e avós com o Fundamental I completo.

Em relação aos dados educacionais, nenhum dos ex-estudantes cursa universidade atualmente e apenas uma frequenta o curso de Técnico em Enfermagem. A maioria realizou o ensino médio com o intuito de entrar no mercado de trabalho ou manter o emprego que já possuía. Contudo, a grande maioria revela que planeja continuar os estudos por meio de um curso técnico ou universidade. Ainda relacionado com essa questão, entre aqueles que planejam continuar os estudos, mais da metade afirma que optaria pelo curso técnico devido ao seu período de duração, mais curto, e assim entrar mercado de trabalho com maior rapidez. Pontuam outros motivos como “futuro melhor”, “emprego melhor” e “melhorar renda”. No entanto, mais da metade dos ex-alunos conhece alguém que está cursando universidade ou um curso técnico após ter concluído o ensino médio pelo EMITEC. Citam cursos universitários como Psicologia, Administração, Engenharia e Direito, inclusive citando nome de Instituição que apenas usam a EaD como opção, além de cursos técnicos em Agropecuária, Enfermagem e Eletricista.

No que se refere à satisfação com o ensino médio realizado pelo EMITEC, apenas um afirmou parcialmente e outro disse não ter ficado satisfeito. Todavia, em relação à pessoa que declarou a sua insatisfação sobre o curso, foi possível constatar durante todo o seu questionário certa dificuldade em aceitar as aulas com o uso das TIC, pontuou grande insatisfação pelo fato de não ter um professor presencial e afirmou que “preferia aula presencial, EaD não dá um bom aprendizado”. Assim, percebeu-se que, para alguns, cursar o ensino médio na modalidade EaD pode não ter sido uma escolha. Por isso, Pallof e Pratt (2004) sinalizam que a probabilidade do estudante não ter nenhum conhecimento de

informática ao ingressar em curso EaD deve ser levada em consideração pelo grupo que elabora, coordena e gere um curso a distância. Vale lembrar que a disciplina, a dedicação e o interesse do estudante para superar qualquer dificuldade e obstáculos que surjam são as características essenciais ao perfil do estudante de EaD.

Quanto ao acesso à tecnologia, apenas um não considera importante o uso da TIC na educação, sendo o mesmo respondente que também nunca usou o computador, não possui computador nem internet em casa. Ainda relacionado ao acesso tecnológico dos ex-estudantes, é relevante observar que aqueles que pensaram em desistir do curso apontaram como o maior motivo a falta de aula tradicional, com o professor presente, e em seguida por causa do trabalho. Por outro lado, apenas um respondente (o mesmo que declara preferir o ensino presencial) afirma não acreditar no reconhecimento social do curso e na aquisição de novos valores após sua conclusão.

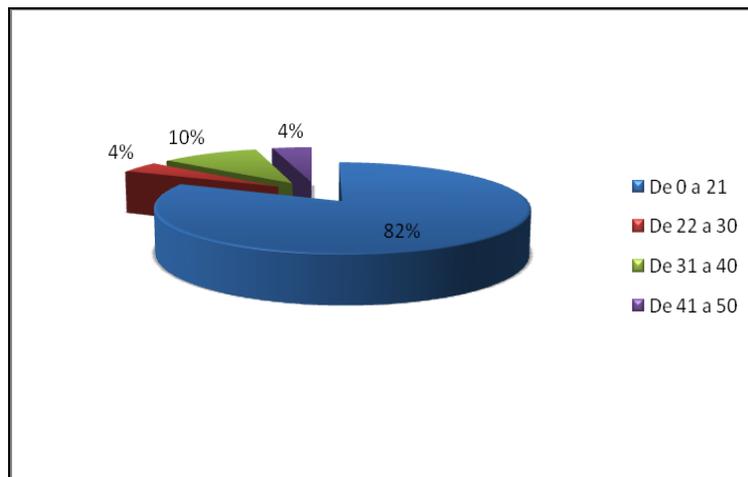
5.3 Análise de Dados dos Atuais Estudantes

Com os estudantes cursistas do EMITEC, foram aplicados 49 questionários, sendo notória uma maioria de estudantes do sexo feminino e jovens de até 21 anos.

5.3.1 Perfil Socioeconômico dos Estudantes

Observou-se que a maioria (67%) ainda não trabalha, e aqueles que trabalham exercem profissões como diaristas, vendedores, ajudante da construção civil, cabeleireiro, manicure, serviços gerais e, algumas vezes, agricultores. Quanto à faixa etária dos estudantes, provavelmente devido à maioria ser ainda muito jovem, conforme se pode observar na Figura 5.1, foram encontrados apenas cinco estudantes casados.

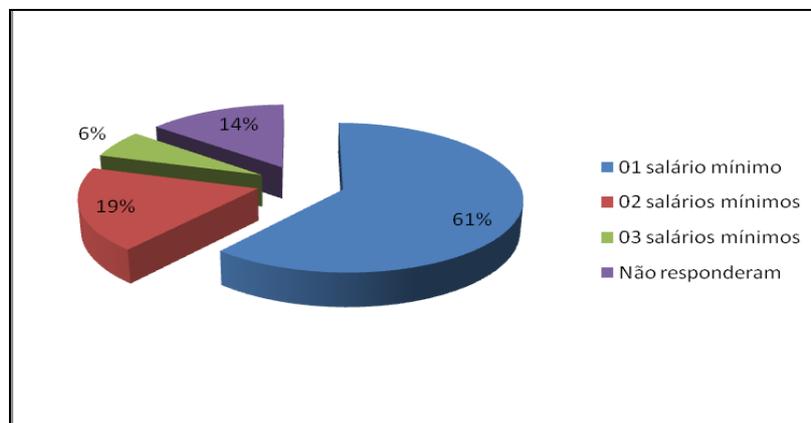
Figura 5.1 – Idade dos estudantes



Fonte: Elaborada pela autora desta dissertação.

Relacionado à renda familiar, um número significativo tem o salário mínimo (R\$788,00) como sustento da família, apenas três possuem uma renda familiar de três salários mínimos e – é relevante citar – sete estudantes não responderam, como ilustra a Figura 5.2.

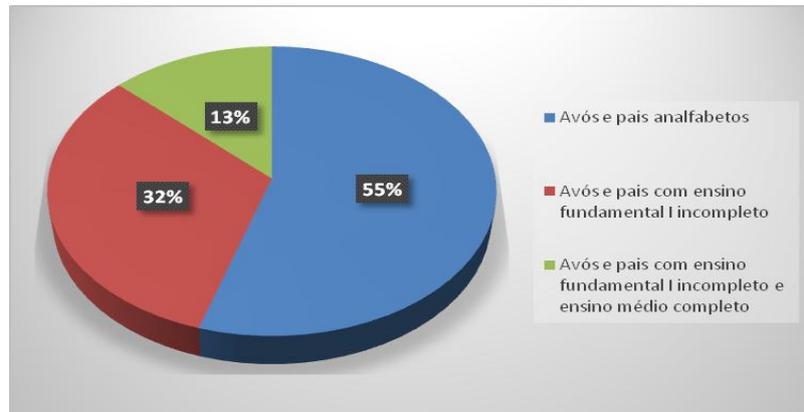
Figura 5.2 - Renda Familiar



Fonte: Elaborada pela autora desta dissertação.

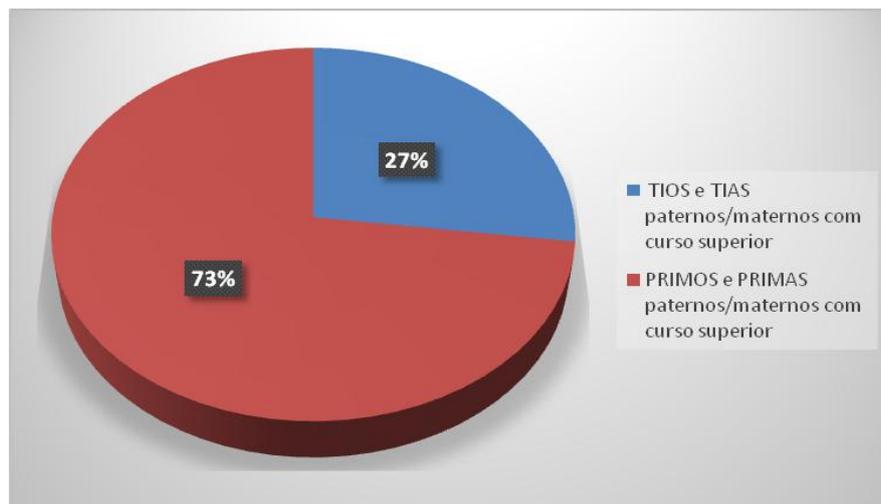
Praticamente um terço dos estudantes possui avós e pais analfabetos e quase um quarto possui avós e pais apenas com o Ensino Fundamental I incompleto. Todavia, é interessante observar que um número grande de estudantes possui primos e tios paternos e/ou maternos com o ensino superior. Fato que, talvez, remeta às mudanças do panorama educacional gerado por projetos e políticas públicas do último Governo Federal entre os anos de 2003 a 2014, conforme discutido no capítulo 3.

Figura 5.3 – Escolaridade da Família (avós/pais)



Fonte: Elaborada pela autora desta dissertação.

Figura 5.4 – Escolaridade da Família – Tios (as) e primos (as) paternos/ maternos

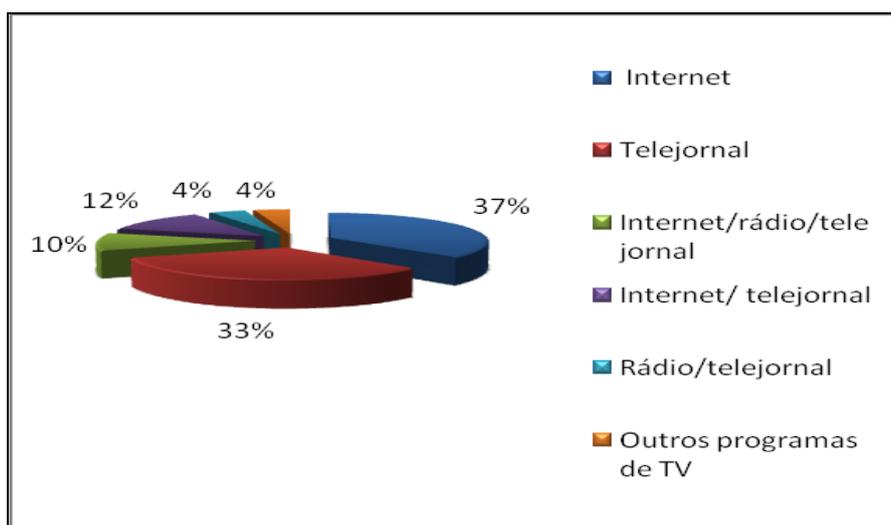


Fonte: Elaborada pela autora desta dissertação.

O transporte para os estudantes se deslocarem até as escolas é oferecido pela Prefeitura do município em parceria com o Governo do Estado. Quase metade dos estudantes usa esse transporte e a outra utiliza carona, bicicleta ou vai a pé. Acredita-se que uma parte, na verdade, use a bicicleta ou siga andando para a escola, pois são fatores bem comuns tanto no interior como na zona rural.

E quando questionados sobre o meio que usam para acompanharem os acontecimentos mundiais, a maioria utiliza a internet ou o telejornal para obter informações.

Figura 5.5 – Principal Fonte de Informações Utilizada



Fonte: Elaborada pela autora desta dissertação.

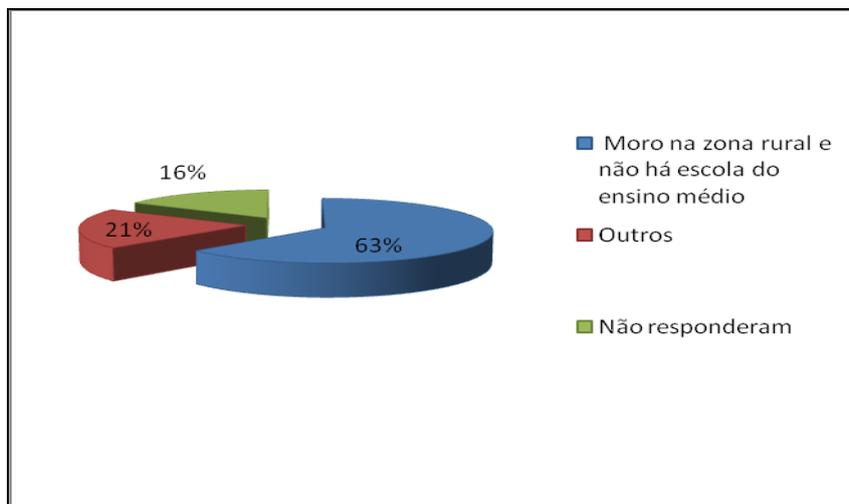
O projeto oferece turmas nos três turnos e apesar de haver uma procura maior pelo turno da noite, os questionários foram respondidos em sua maioria no turno da manhã e da tarde. Oito estudantes afirmaram a necessidade de trabalhar como principal motivo que os levou a estudar no noturno. Com base em tais fatores, percebe-se que, de forma geral, a escolha do turno de estudo está vinculada à condição social e econômica do estudante, pois durante a análise do questionário foi notória uma maioria jovem que ainda não trabalhava estudando no diurno e aqueles que estudavam no turno da noite alegavam de forma constante a necessidade de trabalhar, além de serem pessoas mais velhas.

É possível concluir que o perfil socioeconômico dos estudantes é bastante carente, pontuado em fatores como a maioria ter como renda familiar até um salário mínimo, todos terem cursado o Fundamental I e II na escola pública, grande número com avós e pais analfabetos, alguns terem deixado de estudar para trabalhar e em sua maioria morar na zona rural. A necessidade de parar os estudos para trabalhar foi motivada nos estudantes mais velhos e com períodos longos, entre 03 e até 20 anos sem estudar.

5.3.2 Referências Educacionais dos Estudantes

Analisando as referências educacionais dos estudantes, sinalizaram como maior motivo que os levou a optar pela educação por meio do EMITEC o fato de residirem na zona rural e não terem no local escola do ensino médio. Alguns revelaram outros motivos, como primos já terem estudado no EMITEC e também por considerar o ensino mais avançado.

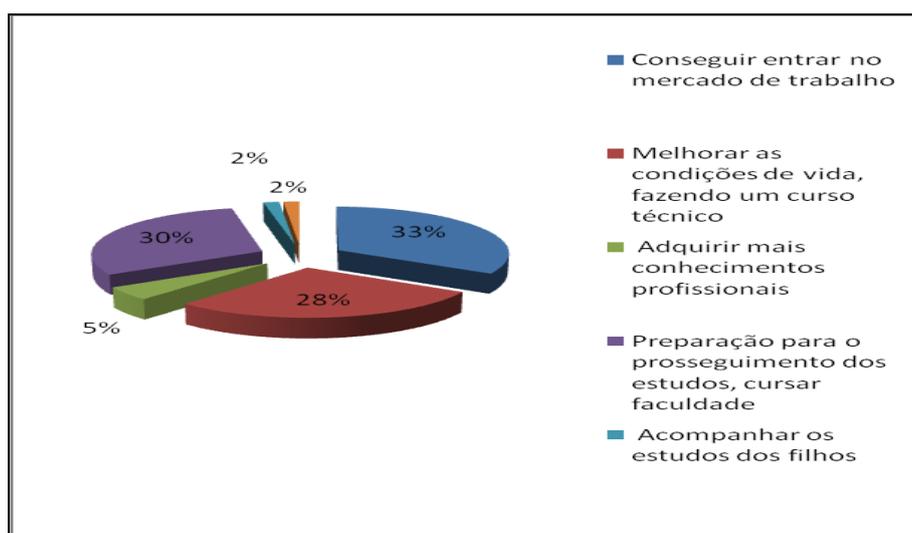
Figura 5.6 – Motivos pelos quais optou cursar o ensino médio pelo EMITEC



Fonte: Elaborada pela autora desta dissertação.

Quando questionados sobre suas expectativas em relação à educação após concluírem o ensino médio, quase metade dos estudantes afirma o desejo de conseguir um emprego, seguidos por aqueles que esperam melhorar suas condições de vida realizando um curso de nível técnico ou um curso universitário.

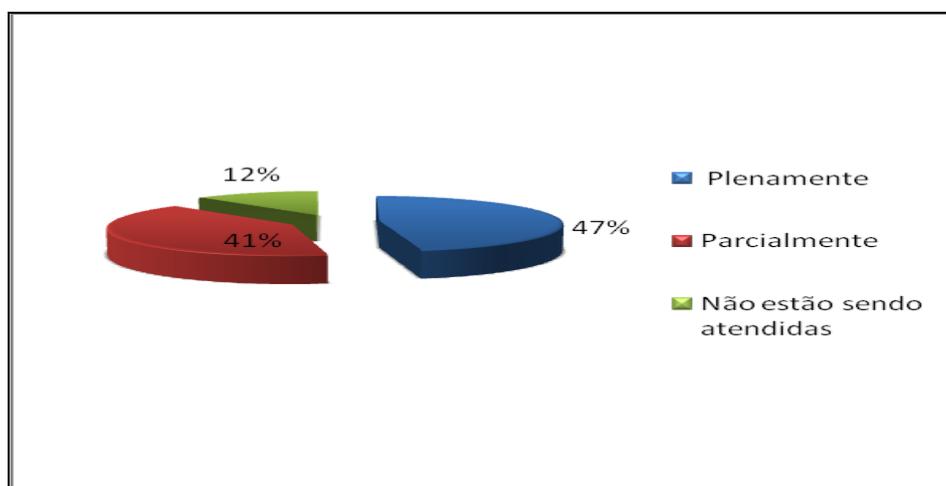
Figura 5.7 – Expectativas em relação à Educação após concluir o ensino médio pelo EMITEC



Fonte: Elaborada pela autora desta dissertação.

A maioria dos estudantes acredita que as suas expectativas em relação ao ensino oferecido pelo EMITEC são plenamente satisfatórias; por outro lado, um número também significativo afirma sentir-se parcialmente satisfeito.

Figura 5.8 – Expectativas em relação ao ensino oferecido pelo EMITEC



Fonte: Elaborada pela autora desta dissertação.

É importante registrar alguns dos motivos citados pelos estudantes para estarem plenamente satisfeitos:

EaD facilita a minha vida.

Consigo interagir com os professores, tirar todas as minhas dúvidas e aprendo os assuntos com facilidade.

Oferece aulas muito bem preparadas.

Consigo compreender os assuntos.

Método mais avançado no ensino.

E daqueles que afirmaram parcialidade na satisfação, a grande maioria declarou a dificuldade de sanar dúvidas pelo fato de a aula ser a distância e o mediador não ter formação específica na disciplina como principais motivos. Vale salientar que todos os professores titulares e assistentes que ministram as aulas dos estúdios centrais na capital são licenciados nas devidas disciplinas, além de serem especialistas e alguns possuem mestrado e/ou doutorado. Os mediadores que estão nas telessalas dos centros escolares do interior oferecem suporte e acompanham os estudantes após as teleaulas, alguns foram ex-estudantes do Projeto

e, em sua maioria, não possui formação acadêmica. Alguns dos motivos referidos pelos estudantes parcialmente satisfeitos foram:

Tenho dificuldade para tirar as dúvidas.

Dificuldade na mediação.

Professores não são formados na disciplina.

Bem melhor com o professor em sala.

Falta de concentração.

Dificuldade adaptação ao novo.

Trabalhos com prazos curtos para fazer.

Dificuldade de entender as aulas pela TV e difícil de assistir.

Alguns responderam ainda que as suas expectativas não estavam sendo atendidas, alegando que:

Suporte é melhor em sala.

Ruim a ausência do professor em sala.

O estudo do EMITEC é muito difícil, ou melhor tem muitas dificuldades, então minhas expectativas, são muito poucas.

Considerando as intenções dos estudantes em prosseguirem os estudos, é significativo o número de estudantes que planeja realizar um curso técnico em detrimento de uma universidade. Segundo a maioria, o curso técnico capacita mais rapidamente para o mercado de trabalho, além de ser mais barato. Isso mais uma vez demonstra o nível educacional sendo atrelado à necessidade do mercado de trabalho e do emprego. E justificam a continuação dos estudos com:

Condição melhor no futuro.

Sonho cursar enfermagem.

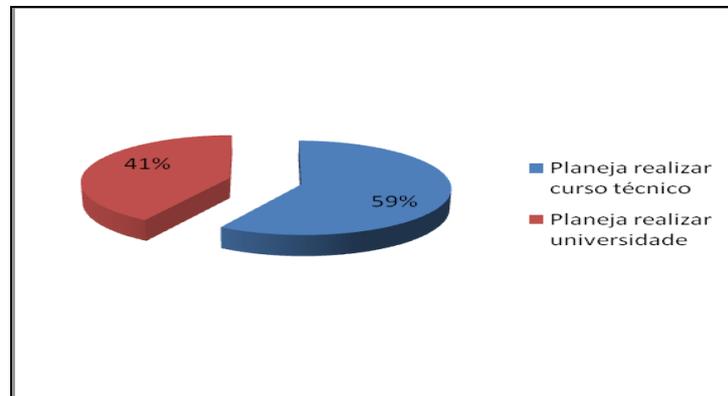
Cursar Educação Física.

Para entrar no mercado de trabalho.

Conseguir emprego melhor.

Adquirir conhecimento.

Figura 5.9 – Planeja dar continuidade aos estudos após conclusão do ensino médio



Fonte: Elaborada pela autora desta dissertação.

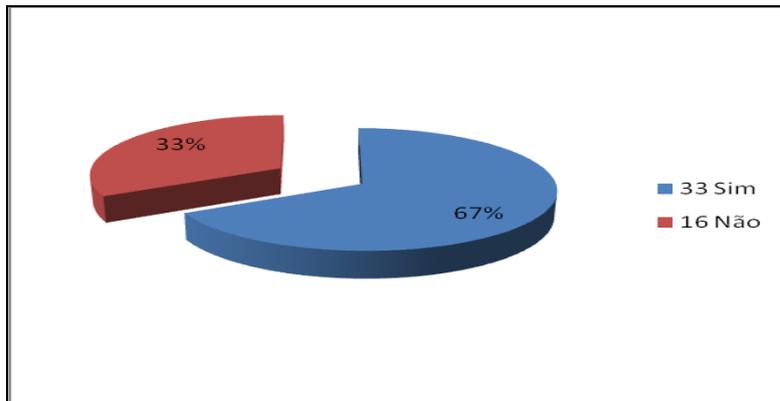
Em suma, percebe-se que os estudantes, de forma geral, possuem uma expectativa positiva em relação ao futuro, já que todos afirmaram ter planos para continuar os estudos, seja realizando um curso técnico ou superior. Somando-se a isto, a maioria buscou concluir o ensino médio pelo EMITEC desejando conseguir um emprego melhor e/ou melhorar a sua condição social, ao ter possibilidade de dar sequência aos estudos após a conclusão do ensino médio. Acrescente-se a isto a informação sobre alunos que cursam atualmente cursos superiores, como Engenharia Mecânica, Engenharia da Computação, Pedagogia, Serviço Social, Biologia, Letras e História, ou cursos técnicos, como Bombeiro, Agronomia e Enfermagem.

5.3.3 Condição dos Estudantes quanto ao Acesso às Tecnologias

A principal fonte de informação dos estudantes inquiridos é a internet, seguida pelo telejornal e rádio, e a maioria, acessa esses meios de comunicação diariamente, pontuando como seus maiores interesses as notícias locais e/ou nacionais, informática e cultura e lazer, seguidos de esportes e economia.

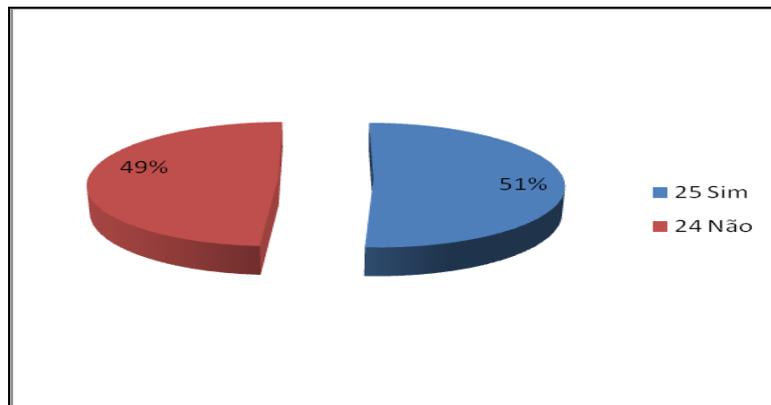
Ainda sobre o uso das tecnologias, um grande número de estudantes possui conhecimento médio em relação ao uso do computador/informática; um estudante declarou que nunca usou o computador e apenas um estudante acredita que não seja importante o seu uso na educação; a grande maioria possui computador em casa e um pouco mais da metade possui acesso à internet na residência.

Figura 5.10 – Possui computador em casa



Fonte: Elaborada pela autora desta dissertação.

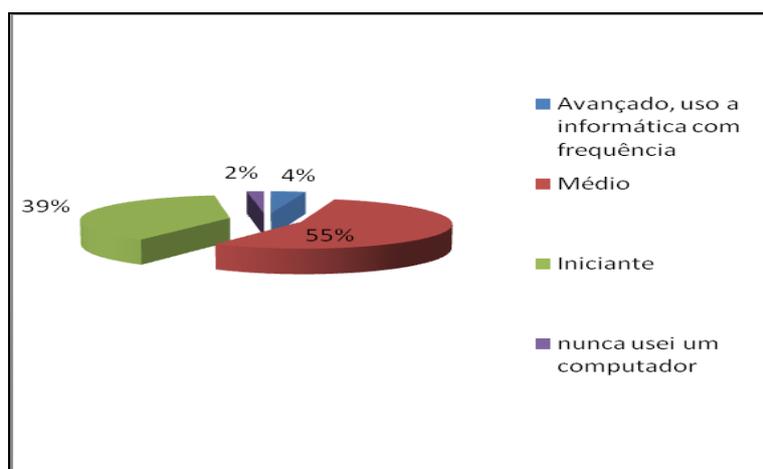
Figura 5.11 – Possui acesso à internet em casa



Fonte: Elaborada pela autora desta dissertação.

Ainda sobre o uso das tecnologias, um grande número possui conhecimento médio em relação ao uso do computador/informática e um declarou que nunca usou o computador.

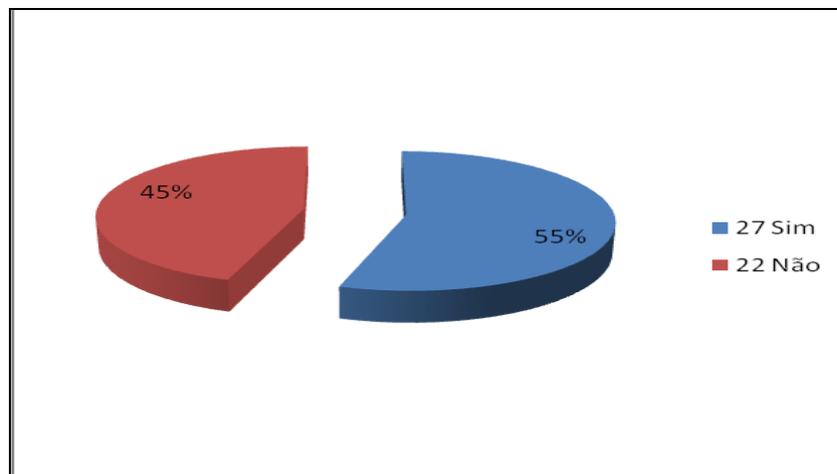
Figura 5.12 - Conhecimento sobre informática/uso do computador



Fonte: Elaborada pela autora desta dissertação.

Ainda que um grande número de estudantes tenha afirmado que se sentia preparado para iniciar o ensino médio pelo EMITEC, ao mesmo tempo declararam dificuldade em se adaptar ao método, alegando que sentem falta do professor presencial.

Figura 5.13 – Dificuldade em se adaptar ao método de ensino utilizado pelo EMITEC



Fonte: Elaborada pela autora desta dissertação.

Quando indagados sobre as maiores dificuldades no uso dos equipamentos tecnológicos na educação, os estudantes citaram a ausência ou falha/lentidão do sinal de internet como maior contratempo para as aulas. Citaram ainda:

Não ter costumes com os meios tecnológicos.

Falta de energia elétrica.

Problemas técnicos com os equipamentos que impedem a transmissão das aulas.

Sinal cai.

Falha no sinal.

Ficar em frente à TV por horas, atenção.

Entretanto, vale salientar que todas as aulas são postadas no espaço virtual do EMITEC (Moodle), que funciona como Ambiente Virtual de Trabalho (AVT), e os estudantes podem acessá-las apenas com a presença do mediador. Entretanto, a partir de 2016 estas aulas estão disponíveis em um ambiente virtual da Secretaria da Educação, com acesso para todos.

Pontuando aquilo que mais sentiam falta no EMITEC, 43 afirmaram ser o contato direto com o professor e apenas 03 citaram a interação com os colegas. A maioria nunca pensou em desistir do curso e aqueles que pensaram, mais uma vez pontuaram como maior motivo a falta do professor em sala de aula. Por isso, vale grifar os relatos ao serem indagados sobre a diferença entre uma aula presencial e a aula que acontece no EMITEC:

EMITEC pede mais atenção.

Não há diferença, basta prestar atenção.

Presencial tira mais dúvida.

Ter mediador entre professor e aluno.

A diferença é que com o presencial se torna um pouco mais fácil.

O professor presente é capaz de repetir a aula se os alunos não entenderem, e no EMITEC temos que fazer o possível para não perder nenhuma parte.

Acredito que a forma de aprender é a mesma, o que muda é apenas a presença dos professores em sala de aula.

Não vejo diferença alguma, o ensino acontece nas duas formas.

Contato direto com o professor, o que facilita sanar a dúvida.

Não precisamos ter o contato com o professor diretamente e ainda assim conseguimos aprender.

Sobre o reconhecimento social do curso oferecido pelo EMITEC, 42 declararam acreditar; também 42 acreditam que o ensino médio realizado pela modalidade EaD pode proporcionar novos valores e direcionamento à sua vida profissional, pessoal e social.

Efetivamente, percebe-se que, embora os estudantes expressem determinada dificuldade em se adaptar ao uso das tecnologias na educação, principalmente em assistir às aulas em tempo real, como no caso do EMITEC, de forma geral acreditam no curso que realizam e percebem muito claramente a importância de concluir o ensino médio para dar continuidade a sua vida educacional, focando no seu crescimento profissional e pessoal. E por isso também é possível constatar a consciência por parte dos estudantes de que o EMITEC é a única oportunidade que têm para realizar o ensino médio, pois não teriam a possibilidade de realizá-lo em outra modalidade, já que não há escolas do ensino médio nas zonas rurais ou em localidades muito distantes do centro da cidade. Essa percepção ratifica e fortalece o objetivo do projeto ao ser criado, o qual se constitui na oferta do ensino médio com intermediação tecnológica para jovens e adultos que residam em localidades remotas ou de difícil acesso em relação a centros de ensino-aprendizagem.

Entretanto, mesmo existindo um mediador em sala de aula e poderem realizar perguntas ao professor especialista em tempo real, vários estudantes citaram a falta do professor em sala de aula como maior obstáculo ao aprendizado, constituindo-se um paradoxo que leva a repensar e refletir sobre o verdadeiro papel do professor na construção do conhecimento, independente da modalidade educacional. Parece haver com essa declaração um sentimento de isolamento e de solidão na construção do conhecimento, além de demonstrar a imagem criada pelo ensino tradicional de que o professor é o único detentor do conhecimento, quando a educação moderna deve cooperar para formar pessoas que saibam pesquisar e descobrir as informações, construindo assim seu próprio conhecimento.

Assinala-se dessa forma a necessidade de quebrar paradigmas da educação tradicional e de refletir como é possível transcender a presença física do professor no processo de ensino-aprendizagem, acreditando-se que a EaD pode cooperar para diminuir a deficiência da oferta e qualidade da educação tradicional, apresentando-se como oportunidade de educação/ensino para pessoas com tempo reduzido e que morem em lugares distantes de escolas e universidades cursarem e continuarem os seus níveis de aprendizagens.

CONCLUSÃO

Diante dos dados colhidos, é possível concluir que o projeto possui um caráter funcional, contribuindo efetivamente para motivar os jovens e integrá-los na sociedade da informação, já que a sua existência levou milhares de jovens a concluírem o ensino médio, possibilitando que seguissem para uma universidade. A partir das respostas obtidas pelos estudantes foi possível notar também que devido à oportunidade de concluir o ensino médio pelo EMITEC, mesmo diante de variadas dificuldades, esses jovens acreditam mais na melhoria do seu futuro pessoal e profissional, ratificando assim o aspecto funcional do projeto. Além do mais, a oferta do ensino médio em uma área rural pode ampliar as possibilidades sociais e históricas dos jovens do interior do estado e possibilitar mudanças no modo de pensar e agir da comunidade.

Provavelmente, a construção de escolas físicas não apenas geraria um maior gasto ao governo, como a sua manutenção acabaria sendo precária e razão do seu alto custo e distância demasiada das regiões rurais, correndo um grande risco de tornar-se mais um espaço físico educacional abandonado pelos olhos dos Governos Municipal e Estadual, já que o projeto acontece em parceria entre ambos. É fundamental lembrar que, nestas áreas remotas, principalmente em zonas rurais, não há profissionais com a formação adequada para lecionar; aqueles que conseguem formação adequada acabam migrando para a cidade devido ao baixo salário oferecido e às péssimas condições de trabalho. A questão mais difícil é suprir a carência de professores nas áreas específicas de Física, Química, Matemática e Biologia, tanto nos anos finais do ensino fundamental quanto no ensino médio. Fato observado dentro do projeto quando os professores formadores que se encontram nas teleaulas do Projeto possuem apenas o ensino médio, enquanto os professores especialistas que ministram as aulas nos estúdios centrais possuem formação adequada para cada disciplina, além de mestrado e, muitas vezes, doutorado.

Portanto, não se trata de substituir a modalidade educacional ofertada por causa de um ou outro fator, e sim ampliar o seu acesso e garantir maior oportunidade de educação para todos. E, por isso, a ideia do projeto pode e deve ser alargada a outros territórios brasileiros como forma de vencer o enorme espaço geográfico do país. O Projeto EMITEC foi pioneiro apenas na região Nordeste do país, já que o Estado do Amazonas, no Norte do Brasil, foi o pioneiro nacional na oferta do ensino médio com intermediação tecnológica, seguido atualmente pelos Estados do Piauí, Maranhão, Acre, e está sendo implantado atualmente em Sergipe. Então, de certa forma, o EMITEC tem superado as lacunas e fragilidades observadas

no ensino médio na sua relação com os jovens das classes e localidades mais pobres ao oferecer professores qualificados, oportunidade de conhecer o uso das TIC na educação, apresentando a internet e as interatividades que possibilitam uma nova visão de mundo para todos, ao buscar a qualidade e o aprimoramento do projeto a cada ano e, principalmente, ao possibilitar a conclusão de um nível de ensino inexistente na região.

Por outro lado, como foi possível explicar durante o trabalho, a EaD no Brasil ainda é um grande desafio para todos e enfrenta variados obstáculos, como a falta de formação por parte dos professores para o uso das TIC, ausência de políticas públicas por parte do Governo, exclusão tecnológica da classe mais pobre, descrédito populacional etc. Juntam-se a esse quadro os próprios desafios e problemas do ensino médio já discutidos durante a pesquisa, ou seja, o projeto EMITEC carrega consigo dificuldades, obstáculos, problemas e desafios da EaD e do ensino médio simultaneamente.

Obviamente, visto que o sistema educacional brasileiro enfrenta variadas dificuldades em todos os seus níveis e modalidades, há diversos fatores que interferem no resultado (positivo ou negativo) do processo de ensino e aprendizagem do trabalho pedagógico em qualquer modalidade de ensino. Dessa feita, objetivando melhorar a sua qualidade pedagógica e o seu reconhecimento social, deve-se pensar em uma revisão permanente do seu projeto político-pedagógico para que, dentro do possível, esteja sempre em consonância com a realidade da comunidade e do seu público-alvo, seguido pela constante formação dos professores especialista e até mesmo considerar a hipótese de melhor qualificar os professores formadores que se encontram nas telessalas. Além do compromisso por parte do Governo, oferecendo políticas públicas de qualidade, um currículo pedagógico para o ensino médio mais flexível, focando a inter e transdisciplinaridade em consonância com a realidade da comunidade, e uma gestão mais democrática.

Por fim, diante desses fatos, nota-se que a EaD pode ser mais uma via e oportunidade de educação embasada em uma nova forma de aprender e ensinar, cooperando até mesmo para equilibrar as diferenças regionais na educação. Apesar de algumas dificuldades citadas pelos estudantes, os resultados dos questionários apontam para um quadro positivo. Em suma, a partir das respostas obtidas dos estudantes, é possível notar a funcionalidade do projeto, ao ser a única possibilidade de via para conclusão do ensino médio para milhares de jovens e dessa forma lhes proporcionar o seguimento da sua educação. Fato que fortalece o principal objetivo da proposta na criação do Projeto, o qual foi oferecer o ensino médio aos moradores

de regiões remotas impossibilitados de seguirem por falta de escolas que oferecessem tal seguimento.

A partir desta pesquisa foi perceptível a necessidade de investigar mais profundamente como os ex-estudantes ressignificaram as suas vidas após concluírem o ensino médio pelo EMITEC. Partindo da formação das primeiras turmas, quantos alunos realmente fizeram universidade ou um curso técnico? Quantos ainda estão fazendo um curso técnico ou universidade? Há algum ex-estudante seguindo a profissão para a qual realizou o curso de nível técnico ou superior? Há estudantes formados que saíram da sua cidade para a capital para exercer a nova profissão adquirida pelo curso técnico ou universitário? Ou para estudar em uma universidade na capital? Alguns prosseguiram o ensino superior a distância? Uma pesquisa que requer campo bem mais ampliado. Como no Brasil a EaD ainda se constitui um imenso desafio, parece imprescindível ampliar o desenvolvimento e a pesquisa nesta área, objetivando a promoção dessa modalidade como um possível caminho para novos saberes e outros olhares para uma educação mais justa ou talvez menos desigual.

BIBLIOGRAFIA

- Abrantes, Pedro (2003), *Os sentidos da escola: identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade*, Oeiras, Celta Editora.
- Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados – ACNUR (2016), “2 milhões de sírios estão refugiados” (online), consultado em 17.03.2016. Disponível em:
<http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/acnur-02-milhoes-de-sirios-estao-refugiados/>
- Bahia (2007), *Princípios e eixos para a educação na Bahia*, Salvador, Secretaria da Educação do Estado da Bahia.
- Bahia (2013), Secretaria da Educação do Estado da Bahia, “Emitec recebe certificado de tecnologia social da Fundação Banco do Brasil” (online), consultado em 20.10.2015. Disponível em:
<http://institucional.educacao.ba.gov.br/noticias/emitec-recebe-certificado-de-tecnologia-social-da-fundacao-banco-do-brasil>
- Bahia (2014), Secretaria da Educação do Estado da Bahia, “Emitec cria novas telessalas e expande atuação para novas localidades” (online), consultado em 13.02.2016. Disponível em:
<http://institucional.educacao.ba.gov.br/noticias/emitec-cria-novas-telessalas-e-expande-atuacao-para-novas-localidades>.
- Belloni, Maria Luiza (2012), “Educação a distância”, Campinas, SP, Editora Autores Associados (6ª edição).
- Brandão, Carlos Rodrigues (2007), *O que é educação*, São Paulo, Editora Brasiliense.
- Brasil (1996), Ministério da Educação, Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, “Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/LDB” (online), consultado em 15.12.2015. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm.
- Brasil (1998a), Ministério da Educação, Decreto 2.494, de 10 de fevereiro de 1998 (online), consultado em 29.11.2015. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/D2494.pdf>.
- Brasil (1998b), Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, Resolução nº 03, de 26 de junho de 1998 (online), consultado em 29.03.2016. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/res0398.pdf>.
- Brasil (1999), Ministério da Educação, “Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio” (online), consultado em 31.03.2016. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>.
- Brasil (2004), Ministério da Educação, Portaria nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004 (online), consultado em 29.03.2016. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/nova/acs_portaria4059.pdf.
- Brasil (2005), Ministério da Educação, Decreto 5.622, de 19 de dezembro de 2005, “Regulamenta o art. 80 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional/LDB” (online), consultado em 02.12.2015. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/dec_5622.pdf.
- Brasil (2006), Ministério da Educação, Decreto nº 5.773, de 09 de maio de 2006 (online), consultado em 29.03.2016. Disponível em: <http://www2.mec.gov.br/sapiens/portarias/dec5773.htm>.

- Brasil (2007a), Presidência da República, Decreto nº 6.303, de 12 de dezembro de 2007 (online), consultado em 29.03.2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/decreto/D6303.htm.
- Brasil (2007b), Ministério da Educação, Portaria nº 40, de 12 de dezembro de 2007 (online), consultado em 29.03.2016. Disponível em: <http://www2.mec.gov.br/sapiens/portarias/port40.pdf>.
- Brasil (2009), Ministério da Educação, Portaria nº 10, de 02 de julho de 2009 (online), consultado em 29.03.2016. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/portaria10_seed.pdf.
- Canário, Rui (2005), *O que é a escola? Um “olhar” sociológico*, Porto, Porto Editora.
- Cardoso, Gustavo, Rita Espanha e Tiago Lapa (2010), *Do quarto de dormir para o mundo – jovens e media em Portugal*, Lisboa, Editora Âncora.
- Carneiro, Moaci Alves (2012), *O nó no ensino médio*, Petrópolis, RJ, Editora Vozes.
- Castells, Manuel (1999), *A sociedade em rede*, São Paulo, Editora Paz e Terra.
- Chaves, Eduardo O. C. (1999), “Tecnologia na educação, ensino a distância, e aprendizagem mediada pela tecnologia: Conceituação básica”, *Revista de Educação* (online), 3, 7, Novembro, Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/download/421/401>.
- Costa, António Firmino da (2012), *Desigualdades sociais contemporâneas*, Lisboa, Editora Mundos Sociais.
- Costa, Fernando Nogueira da (2014), “Censo da Educação Superior – 2014”, consultado em 15 de dezembro de 2015. Disponível em: <https://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2015/12/14/censo-da-educacao-superior-2014/>
- Dalfovo, Michael Samir; Rogério Adilson Lana e Amélia Silveira (2008), “Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico”, *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada* (online), 2, 4, Disponível em: http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/metodos_quantitativos_e_qualitativos_um_resgate_teorico.pdf.
- Dayrell, Juarez (2007), “A escola ‘faz’ as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil”, *Educação e Sociedade*, 28, 100, Outubro.
- Dayrell, Juarez (2009a), “Apresentação da série juventude e escolarização: os sentidos do ensino médio”, *Revista Salto para o Futuro*, XIX, 18, Novembro.
- Dayrell, Juarez (2009b), “O Aluno do ensino médio: o jovem desconhecido”, *Revista Salto para o Futuro*, XIX, 18, Novembro.
- Delors, Jacques (1996), “Educação: um tesouro a descobrir, relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI” (online), Cortez Editora. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000009.pdf>.
- Durkheim, Émile (2011), *Educação e Sociologia*, Lisboa, Edições 70.
- Folha de S. Paulo (2013), “Após fraco desempenho de brasileiros em ciências no PISA, ONG prevê melhoras” (online), consultado em 10.03.2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2013/12/1380607-apos-fraco-desempenho-de-brasileiros-em-ciencias-no-pisa-ong-preve-melhoras.shtml>.
- Freire, Paulo (2000), *Pedagogia do oprimido*, São Paulo, Editora Paz e Terra.
- Fundação Banco do Brasil (2014), “Ensino médio com intermediação tecnológica: inovação na educação básica da Bahia” (online), consultado em 23.11.2015. Disponível em:

- <http://www.fbb.org.br/tecnologiasocial/banco-de-tecnologias-sociais/pesquisar-tecnologias/detalhar-tecnologia-39.htm>.
- Giddens, Anthony (2000), *O mundo na era da globalização*, Lisboa, Editora Presença.
- Goldenberg, Miriam (2007), *A arte de pesquisar*, Rio de Janeiro, Record (5ª edição).
- Gomes, Silvana G. Silva; Estela da Silva Leonardo e João Batista Mota (2014), “Reflexão sobre o perfil do aluno como determinante para a motivação e aprendizagem curso de Ead”, *Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade* (online), 7, Disponível em:
<http://cadernosets.inhumas.ifg.edu.br/index.php/cadernosets/article/view/214>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2014), “Taxa de analfabetismo – 15 anos ou mais de idade” (online), consultado em 23 de janeiro de 2016. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/pnad2013/taxadeanalfabetismo/>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2015), “Área Territorial Brasileira” (online), consultado em 23 de janeiro de 2016. Disponível em:
http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/default_territ_area.shtm.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2015), “Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação” (Online), consultado em 23 de janeiro de 2016. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2016), “Estados – Bahia” (online), consultado em 16.06.2016. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ba>.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2015), “IDEB – Resultados e Metas” (online), consultado em 16.06.2016. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/>.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2013), *Relatório Nacional PISA 2012*, Brasília, INEP.
- Kenski, Vani Moreira (2010), *Tecnologias e Ensino Presencial e a distância*, Campinas, SP, Editora Papirus (8ª edição).
- Krawczyk, Nora (2011), “Reflexão sobre alguns desafios do Ensino Médio no Brasil Hoje”, *Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas*, 41.
- Lemos, David (2015), “População rural da Bahia”, *A TARDE* (online), consultado em 27 de fevereiro de 2016. Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/bahia/noticias/1658778-jeronimo-rodrigues-temos-a-maior-populacao-rural>.
- Lévy, Pierre (2006), *Cibercultura*, Rio de Janeiro, Editora 34.
- Lévy, Pierre (2004), *As Tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na Era da Informática*, Rio de Janeiro, Editora 34.
- Maia, Carmem e João Mattar (2007), *ABC da Ead. A Educação a Distância hoje*, São Paulo, Pearson Prentice Hall.
- Moore, Michael G. e Greg Kearsley (2013), *Educação a Distância: Sistemas de Aprendizagens online*, São Paulo, Cengage Learning (3ª edição).
- Moran, José Manuel (2002), “O que é educação a distância” (online), consultado em 05 de janeiro de 2016. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf>.
- Moran, José Manuel (2011), “Extinção de Secretaria de Ead no MEC é prematura”, *Portal aprendiz UOL* (online), consultado em 15 de março de 2016. Disponível em:

- <http://portal.aprendiz.uol.com.br/arquivo/2011/07/19/extincao-da-secretaria-de-educacao-a-distancia-no-mec-e-prematura-avalia-especialista/>.
- Nogueira, Conceição e Isabel Silva (2001), *Cidadania: Construção de novas práticas em contexto educativo*, Porto, Editora Asa (3ª edição).
- Observatório do PNE (2015), “Taxa de distorção idade-série do ensino médio” (online), consultado em 13.04.2016. Disponível em: <http://www.observatoriodopne.org.br/>
- Palloff, Rena M. e Keith Pratt (2004), *O Aluno Virtual: um guia para trabalhar com estudantes online*, Porto Alegre, Editora Artmed.
- Perrenoud, Philippe (2001), *Por que Construir Competências a Partir da Escola?*, Porto, Asa Editores.
- Peters, Otto (2009), *A Educação a Distância em Transição*, Rio Grande do Sul, Editora da Unisinos.
- QEDU (2015), “Taxas de rendimento 2014” (online), consultado em 07.02.2015. Disponível em: <http://www.qedu.org.br/brasil/taxas-rendimento>
- Ramos, Luíza (Coord.) (2015), *Orientações curriculares para o ensino médio*, Salvador, Secretaria de Educação do Estado da Bahia.
- Sacristán, José Gimeno (2005), *O aluno como invenção*, Porto Alegre, Editora Artmed.
- Santos, Leticia Machado (org.) (2012b), *Educação básica com intermediação tecnológica: tendências e práticas*, Salvador, Secretaria de Educação do Estado da Bahia/Fast Design, vol. 1.
- Santos, Leticia Machado (org.) (2014), *Educação básica com intermediação tecnológica: tendências e práticas*, Salvador, Secretaria de Educação do Estado da Bahia/Fast Design, vol. 2.
- Santos, Leticia Machado (org.) (2015), *Educação básica com intermediação tecnológica: tendências e práticas*, Salvador, Secretaria de Educação do Estado da Bahia/Fast Design, vol. 3.
- Santos, Leticia Machado (org.) (2010), *Estratégias de Ensino e Aprendizagem em EAD Tendências e Práticas Atuais*, Salvador, Secretaria de Educação do Estado da Bahia/Fast Design, vol. 1.
- Santos, Leticia Machado (org.) (2011), *Estratégias de Ensino e Aprendizagem em EAD Tendências e Práticas Atuais*, Salvador, Secretaria de Educação do Estado da Bahia/Fast Design, vol. 2.
- Santos, Leticia Machado (org.) (2012a), *Estratégias de Ensino e Aprendizagem em EAD Tendências e Práticas Atuais*, Salvador, Secretaria de Educação do Estado da Bahia/Fast Design, vol. 3.
- Santos, Leticia Machado (org.) (2013), *Estratégias de Ensino e Aprendizagem em EAD Tendências e Práticas Atuais*, Salvador, Secretaria de Educação do Estado da Bahia/Fast Design, vol. 4.
- Seabra, Teresa (2009), “Desigualdades Escolares e Desigualdades Sociais”, *Repositório ISCTE* (Online), consultado em 21 de dezembro de 2015. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n59/n59a05.pdf>.
- Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI (2016), “Cerca de 70% dos baianos vivem na zona urbana” (online), consultado em 13.03.2016. Disponível em http://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=700:cerca-de-70-dos-baianos-vivem-na-zona-urbana&catid=3:destaques.
- Takahashi, Fábio (2015), “Currículo frágil é apontado como causa de baixa qualidade no ensino médio” (online), consultado em 16.06.2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/09/1677857-como-explicar-a-baixa-qualidade-no-ensino-medio.shtml>.

Werthein, Jorge (2014), “Brasil é um dos últimos em teste que avalia capacidade de resolver problemas” (online), consultado em 16.06.2016. Disponível em:

<http://jorgewerthein.blogspot.com.br/2014/04/alunos-brasileiros-ficam-entre-os.html>.

Wikipédia (2016a), “Bahia” (online), consultado em 16.01.2016. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Bahia>.

Wikipédia (2016b), “Boa Nova” (online), consultado em 16.01.2016. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Boa_Nova.

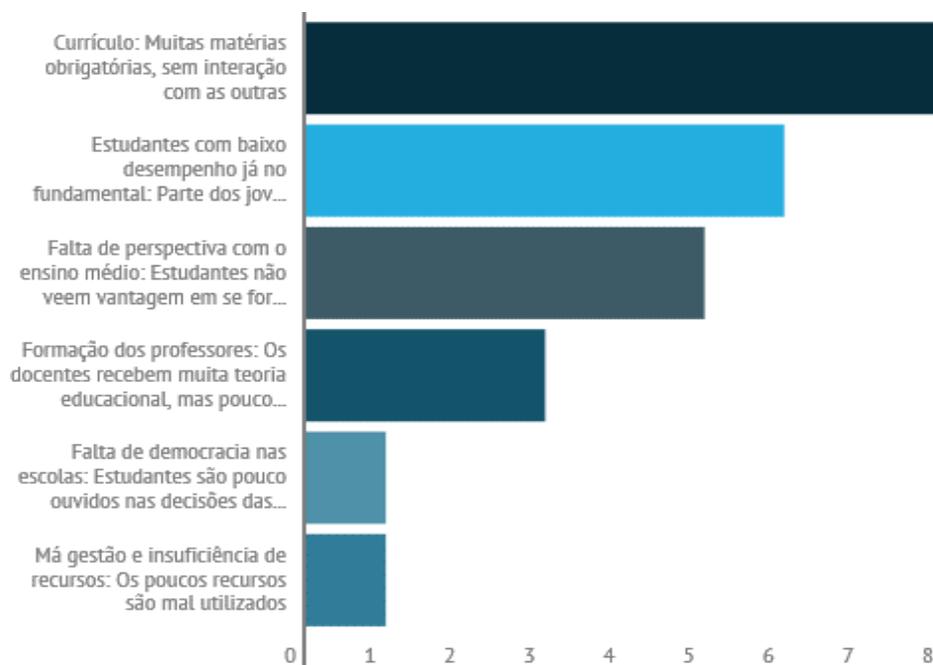
Wikipédia (2016c), “Irará” (online), consultado em 16.01.2016. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Irar%C3%A1>.

Wikipédia (2016d), “Lista de municípios da Bahia” (online), consultado em 16.01.2016. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_munic%C3%ADpios_da_Bahia.

ANEXO A – Figura 1 - Problemas do Ensino Médio (2013-2014)

Figura 1 - Problemas do Ensino Médio (2013-2014)
Especialistas citam os principais nós do ensino*



Fonte: Takahashi (2015).

ANEXO B – Quadro 1 – IDEB – Resultados e Metas do Ensino Médio

Quadro 1 – IDEB – Resultados e Metas do Ensino Médio

	IDEB Observado					Metas				
	2005	2007	2009	2011	2013	2007	2009	2011	2013	2021
Total	3.4	3.5	3.6	3.7	3.7	3.4	3.5	3.7	3.9	5.2
Dependência Administrativa										
Estadual	3.0	3.2	3.4	3.4	3.4	3.1	3.2	3.3	3.6	4.9
Privada	5.6	5.6	5.6	5.7	5.4	5.6	5.7	5.8	6.0	7.0
Pública	3.1	3.2	3.4	3.4	3.4	3.1	3.2	3.4	3.6	4.9

Os resultados marcados em verde referem-se ao IDEB que atingiu a meta.

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2015).

ANEXO C – Quadro 2 – Capacidade de Alunos para Solucionaram Problemas Complexos

Quadro 2 – Capacidade de Alunos para Solucionaram Problemas Complexos



Fonte: Werthein (2014)

ANEXO D – Quadro 3 - Ranking dos Países no PISA 2012

Quadro 3 - Ranking dos Países no PISA 2012

MÉDIAS DOS PAÍSES NO PISA

Veja a pontuação dos exames de matemática, leitura e ciências de todos os países que participam do ranking



MÉDIAS DOS PAÍSES EM 2012, RANKEADOS PELA NOTA EM MATEMÁTICA

	Matemática	Leitura	Ciência
Média OCDE	494	496	501
1 Shaangai-China	613	570	580
2 Cingapura	573	542	551
3 Hong Kong-China	561	545	555
4 Chinesa Taipei	560	523	523
5 Coreia do Sul	554	536	538
6 Macau-China	538	509	521
7 Japão	536	538	547
8 Liechtenstein	535	516	525
9 Suíça	531	509	515
10 Holanda	523	511	522
11 Estônia	521	516	541
12 Finlândia	519	524	545
13 Canadá	518	523	525
14 Polônia	518	518	526
15 Bélgica	515	509	505
16 Alemanha	514	508	524
17 Vietnã	511	508	528
18 Áustria	506	490	506
19 Austrália	504	512	521
20 Irlanda	501	523	522
21 Eslovênia	501	481	514
22 Dinamarca	500	496	498
23 Nova Zelândia	500	512	516
24 República Checa	499	493	508
25 França	495	505	499
26 Reino Unido	494	499	514
27 Islândia	493	483	478
28 Látvia	491	489	502
29 Luxemburgo	490	488	491
30 Noruega	489	504	495
31 Portugal	487	488	489
32 Itália	485	490	494
33 Espanha	484	488	496
34 Rússia	482	475	486
35 Eslováquia	482	463	471
36 EUA	481	498	497
37 Lituânia	479	477	496
38 Suécia	478	483	485
39 Hungria	477	488	494
40 Croácia	471	485	491
41 Israel	466	486	470
42 Grécia	453	477	467
43 Sérvia	449	446	445
44 Turquia	448	475	463
45 Romênia	445	438	439
46 Chipre	440	449	438
47 Bulgária	439	436	446
48 Emirados Árabes	434	442	448
49 Cazaquistão	432	393	425
50 Tailândia	427	441	444
51 Chile	423	441	445
52 Malásia	421	398	420
53 México	413	424	415
54 Montenegro	410	422	410
55 Uruguai	409	411	416
56 Costa Rica	407	441	429
57 Albânia	394	394	397
58 Brasil	391	410	405
59 Argentina	388	396	406
60 Tunísia	388	404	398
61 Jordânia	386	399	409
62 Colômbia	376	403	399
63 Qatar	376	388	384
64 Indonésia	375	396	382
65 Peru	368	384	373

Fonte: Folha de S. Paulo (2013).

ANEXO E – Quadro 4 - Taxa de repetência em países nas edições do PISA de 2009 e 2012

Quadro 4 - Taxa de repetência em países nas edições do PISA de 2009 e 2012

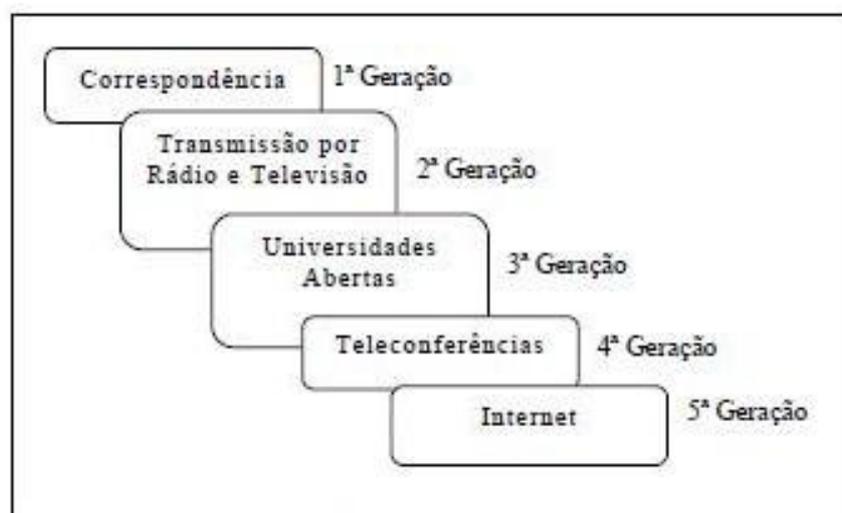
Taxas de repetência		
País	Repetência 2009	Repetência 2012
Colômbia	33,9%	40,6%
Uruguai	38,0%	37,9%
Brasil	40,1%	37,4%
Argentina	33,8%	36,2%
Portugal	35,0%	34,3%
Espanha	35,3%	32,2%
Peru	28,1%	27,5%
Chile	23,4%	25,2%
México	21,5%	15,5%
E.U.A.	14,2%	13,3%
Finlândia	2,8%	3,8%
Coreia	0,0%	3,6%

INEP Ministério da Educação BRASIL 2009-2010 & 2012-2013

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2013: 55).

ANEXO F – Figura 2 – Gerações da História da EaD

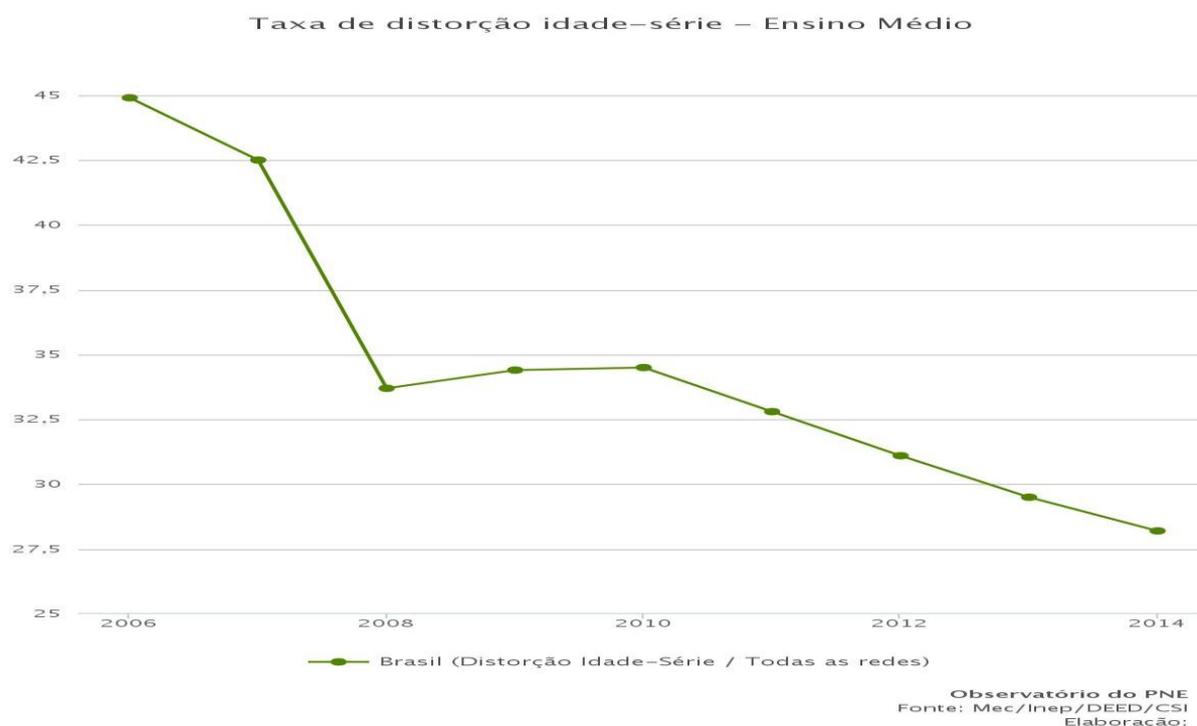
Figura 2 – Gerações da História da EaD



Fonte: Moore e Kearsley (2013: 34).

ANEXO G – Figura 3 – Taxa de Distorção Idade-Série- Ensino Médio

Figura 3 – Taxa de Distorção Idade-Série- Ensino Médio



Fonte: Observatório do PNE (2015).

ANEXO H – Quadro 5 - Taxas de Rendimento por Etapa Escolar (2014)

Quadro 5 - Taxas de Rendimento por Etapa Escolar (2014)

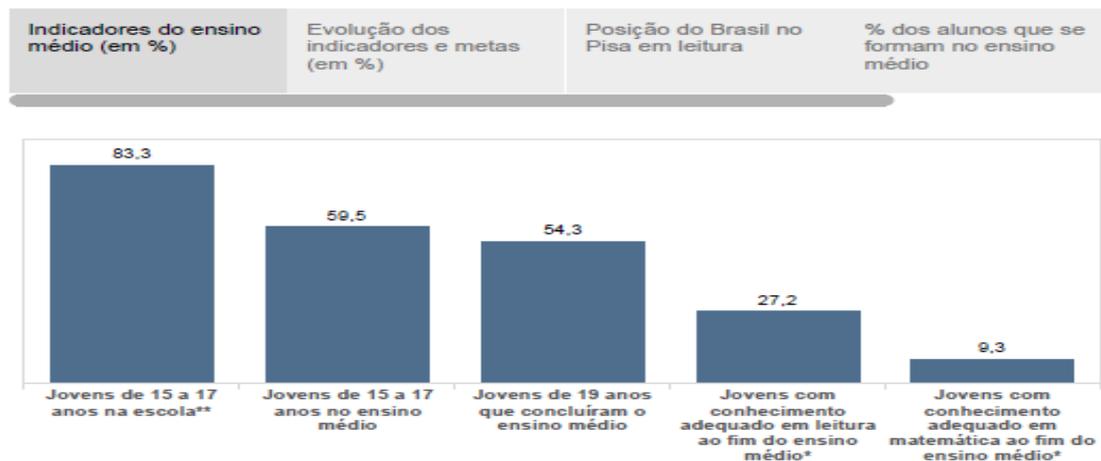
Ensino	Reprovação	Abandono	Aprovação
1º ano EM	17,0%	9,5%	73,5%
2º ano EM	11,0%	7,1%	81,9%
3º ano EM	6,4%	5,2%	88,4%

Fonte: QEdU (2015).

ANEXO I – Figura 4 – Panorama do Ensino Médio

Figura 4 – Panorama do Ensino Médio

PANORAMA DO ENSINO MÉDIO



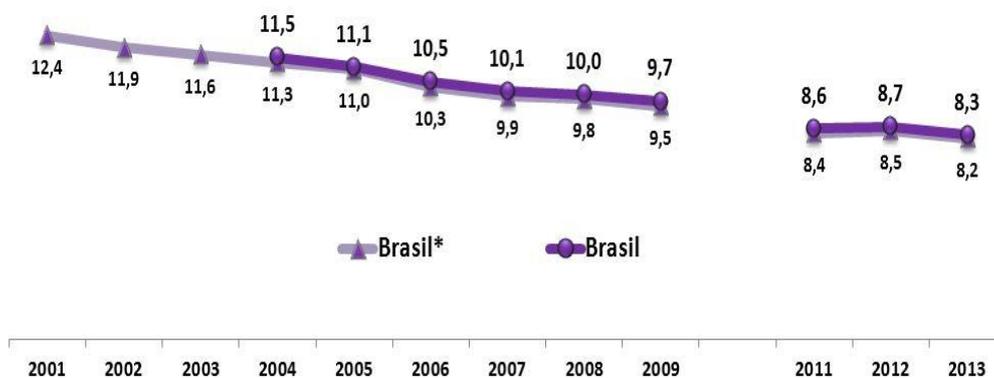
*Segundo métrica da ONG Todos pela Educação, com base em prova nacional do Ministério da Educação
 **Incluindo os na idade ideal e reprovados

Fonte: Takahashi (2015).

ANEXO J – Figura 5 – Taxa de Analfabetismo (%) – 15 anos ou mais de idade

Figura 5 – Taxa de Analfabetismo (%) – 15 anos ou mais de idade

Taxa de analfabetismo (%) - 15 anos ou mais de idade



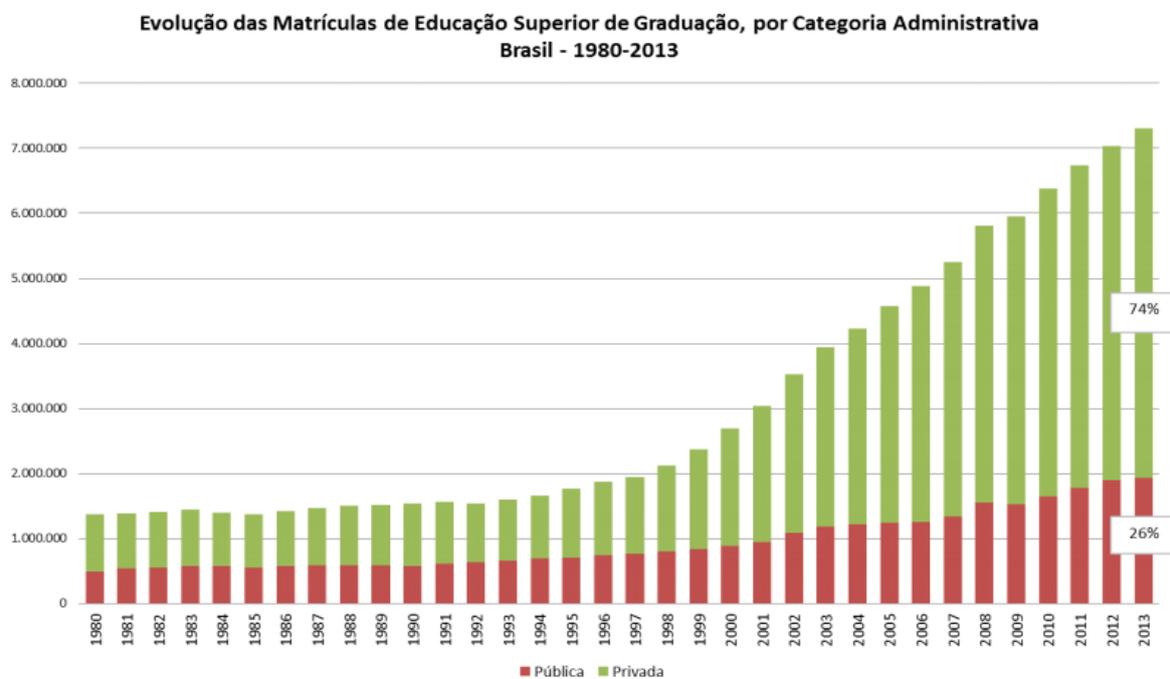
Indicadores PNAD 2013

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2014).

ANEXO K – Figura 6 – Resultado do Censo da Educação Superior 2013

Figura 6 – Resultado do Censo da Educação Superior 2013

Resultados do Censo da Educação Superior 2013



Fonte: Costa (2014).

ANEXO L - Questionário

QUESTIONÁRIO

Caro (a) estudante:

Vivemos numa busca constante na melhoria da educação, procurando cada vez mais oferecer um serviço de qualidade de ensino-aprendizagem. Estamos efetuando uma pesquisa sobre o perfil das aulas com o uso das tecnologias a distância do ensino médio e gostaríamos que você nos auxiliasse nessa busca. Para que isso aconteça, precisamos da sua opinião, sendo a sua colaboração de fundamental importância para bons resultados. Suas sugestões são muito importantes, para isso solicitamos que você preencha este questionário que trata de elementos básicos, mas bastante valiosos para compreendermos essa conjuntura.

As informações prestadas são de caráter confidencial, não havendo, portanto necessidade de sua identificação.

Agradecemos sua colaboração.

• DADOS PERFIL

1. Sexo masculino feminino
2. Faixa etária até 21 anos entre 22 e 30 anos
 entre 31 e 40 anos entre 41 e 50 anos acima de 50 anos
3. Estado civil Solteiro Casado
4. Você tem filhos? Sim Não
5. Você trabalha? Sim Não
6. Caso trabalhe, em qual profissão e turno _____
7. Incluindo você, quantos filhos seus pais têm? _____
8. Qual a renda familiar? (soma dos rendimentos líquidos de todos que trabalham em casa). Considere salário mínimo atual de R\$788,00.
 01 salário mínimo 02 salários mínimos
 03 salários mínimos 04 salários mínimos ou mais
9. E que mais contribui na renda (despesas em casa)? _____
10. Coursou as séries iniciais (1º ao 4º ano) na escola pública ou particular?

11. Coursou as séries do ensino fundamental II (do 6º ao 9º ano) na escola pública ou particular? _____

12. Parou de estudar por algum tempo? () Sim () Não

Por quanto tempo _____

Por quê? () Moro na zona rural e não há escola do ensino médio

() Para trabalhar

13. Complete a tabela abaixo, marcando com um “X” a sua própria escolarização e a de seus familiares:

	ESCOLARIDADE										
	Analfabeto	Primário incompleto	Primário completo	5ª a 8ª Série incompleta	5ª a 8ª Série completa	Ensino médio incompleto	Ensino médio completo	Superior incompleto	Superior completo	Mestrado	Doutorado
Sua escolaridade											
Cônjuge											
Pai											
Mãe											
Avô Paterno											
Avó Paterna											
Avô Materno											
Avó Materna											
Irmão (1)											
Irmão (2)											
Irmão (3)											

14. Você possui tios e tias paternos com curso superior?

() Sim. Quantos? _____ () Não

15. Você possui tios e tias maternos com curso superior?

() Sim. Quantos? _____ () Não

16. Você possui primos e primas paternos com curso superior?

() Sim. Quantos? _____ () Não

17. Você possui primos e primas maternos com curso superior?

() Sim. Quantos? _____ () Não

18. Qual o principal meio de transporte que você utiliza para chegar à escola para o curso do EMITEC?

- () A pé/de carona/de bicicleta
- () Transporte coletivo (ônibus/micro-ônibus/van/etc.)
- () Transporte próprio (carro/moto/etc.)
- () Transporte locado (prefeituras e/ou escolar)

19. Em que turno você está frequentando suas aulas do ensino médio?

() Matutino () Vespertino () Noturno

20. Qual sua PRINCIPAL fonte de informação de acontecimentos atuais?

- () Internet () Jornal escrito () Telejornal
- () Outros programas de TV () Rádio () Revista () Outro

21. Assinale o seu nível de interesse com relação aos seguintes tipos de informação. Considere zero o mínimo e cinco o máximo de interesse.

	0	1	2	3	4	5
Política						
Economia/Negócios						
Notícias locais e/ou nacionais						
Notícias internacionais						
Notícias políticas						
Cultura e lazer						
Esportes						
Veículos						
Informática						

22. Com que frequência você busca essas informações?

Diariamente Semanalmente Ocasionalmente Nunca

23. Excetuando livros escolares obrigatórios, que tipo de livro você lê?

Nenhum Política Literatura nacional Literatura estrangeira
 Esporte e Lazer Autoajuda Artes Religião Outros

• DADOS EDUCACIONAIS

1. Quais os motivos que o levaram a optar pela educação por meio do EMITEC usando as tecnologias?

Moro na zona rural e não há escola do ensino médio

Outros _____

2. Quais suas expectativas em relação à educação, após concluir o ensino médio?

Conseguir entrar no mercado de trabalho

Melhorar as condições de vida, fazendo um curso técnico

Adquirir mais conhecimentos profissionais

Preparação para o prosseguimento dos estudos, cursar faculdade

Manter o emprego que já possui

Acompanhar os estudos dos filhos

Outros _____

3. Suas expectativas em relação ao estudo oferecido pelo EMITEC estão sendo atendidas?

Plenamente Parcialmente Não estão sendo atendidas

Justifique sua resposta: _____

4. Você pretende dar continuidade aos estudos realizando um curso técnico ou uma universidade? SIM NÃO

Planeja fazer: curso técnico Universidade

Justifique sua resposta: _____

• ACESSO ÀS TECNOLOGIAS

1. Marque os equipamentos tecnológicos e mídias que você usa no seu dia a dia.

- televisão Rádio Câmera digital Pen Drive
 jornal impresso internet MP3 computador
 DVD tablet celular
 programas da informática como WORD, EXCEL, etc.

2. Você acha que é importante a educação com o uso das tecnologias?

- Sim Não

3. Qual o seu conhecimento sobre informática, o uso do computador e de programas do Windows como EXCEL, WORD, POWERPOINT, INTERNET?

- nunca usei um computador nunca usei internet iniciante
 médio avançado, uso a informática com frequência

4. Possui computador em casa? sim não

5. Possui acesso à internet em casa? sim não

6. Em que locais acessa à internet?

- em casa lan house escola
 outros Em caso de outros, especifique: _____

7. Com que frequência acessa a internet?

- nunca quase nunca mensalmente quinzenalmente
 semanalmente mais de uma vez por semana diariamente

8. Ao iniciar o ensino médio por meio desse método, a distância com o uso de tecnologias, sentiu-se preparado para assistir às aulas? Sim Não

Sentiu dificuldade em se adaptar ao método? Sim Não

Quais dificuldades sentiu? _____

9. Na sua opinião, quais os principais problemas ou dificuldades na utilização de equipamentos tecnológicos na educação? _____

10. Qual a diferença entre uma aula presencial, ou seja, aquela que acontece com o professor na sala de aula e essa forma que acontece no EMITEC?

E com o método do EMITEC, sente falta de algo? Como:

Falta de contato direto com os professores Falta de interação com os colegas

11. Em algum momento pensou em desistir do curso? Sim Não

Caso sim, quais foram os motivos? por causa do trabalho

não acredita que estudar melhore a sua vida

dificuldade em se adaptar a Educação a Distância

distância de casa para a escola

Sente falta da aula tradicional com o professor presente

Não vê mudança no futuro

12. Acredita no reconhecimento social do curso que realiza pelo EMITEC, ou seja, um curso à distância? Sim Não

13. Acredita que com o ensino médio realizado dessa forma terá uma possibilidade de articular com o trabalho, a vida familiar e social, ou seja, dar novos valores e direção aos setores da sua vida? Sim Não

Curriculum Vitae

PERSONAL INFORMATION

Irabel Lago de Oliveira



Secretaria de Educação do Estado da Bahia
5ª Avenida, 550, Centro Administrativo da Bahia, 41.745-004 – Salvador, Bahia, Brasil

☎ (+ 55 71) 30370751 📱 (+55 71) 988441310

✉ Irabel.irabel@gmail.com

Sex Female | Date of birth 27/02/1967 | Nationality Brazilian

WORK EXPERIENCE

2000/.... Professor in the the Secretaria de Educação Estadual e Municipal, Salvador, Bahia, Brasil.

EDUCATION AND TRAINING

2013/...Master's degree in Education and Society. ISCTE, Lisboa, Portugal.

2012/13 Expertise in Distance Education, SENAC, Salvador, Bahia, Brasil.

2010/11 Expertise in Technologies and new educations, Universidade Federal da Bahia UFBA, Salvador, Bahia, Brasil.

2007/08 Expertise in Vocational Education for Youth and Adults, Instituto Federal da Bahia, IFBA, Salvador, Bahia, Brasil.

2000/03 First degree in Portuguese and English, UNIFACS, Salvador, Bahia, Brasil.

PERSONAL SKILLS

Mother tongue(s) Portuguese

Other language(s)	UNDERSTANDING		SPEAKING		WRITING
	Listening	Reading	Spoken interaction	Spoken production	
English	B1/2	B1/2	B1/2	B1/2	B1/2

Levels: A1/2: Basic user - B1/2: Independent user - C1/2 Proficient user
Common European Framework of Reference for Languages